



Dissertação de Mestrado

**A PRÁTICA DOCENTE E A DISSEMINAÇÃO DE
VALORES ÉTICOS
NO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL**

Deise Helena Rosa da Costa

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**A PRÁTICA DOCENTE E A DISSEMINAÇÃO DE
VALORES ÉTICOS
NO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL**

por
Deise Helena Rosa da Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
nível de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (RS),
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado

**A PRÁTICA DOCENTE E A DISSEMINAÇÃO DE
VALORES ÉTICOS
NO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL**

elaborada por

Deise Helena Rosa da Costa

como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestrado em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Arleth Pereira - Orientadora/UFSM

Prof^a. Dr^a. Suze Gomes Scalcon – UNIOESTE - PR

Prof. Dr. Valdo Barcellos - UFSM

Prof. Dr. Clovis Guterres - UFSM

Santa Maria, RS, julho de 2004

Dedico esta dissertação em especial para minha família, direção, colegas docentes, técnicos-administrativos e alunos(as) do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul, pelo apoio, coragem, compreensão e incentivo para desenvolver este trabalho. Todos vocês fazem parte, de forma muito significativa, da minha vida.

Dedico, ainda, este trabalho, com muito carinho, à Direção, Professores(as) e Alunos(as) da Escola Estadual São Vicente. Obrigado por terem a disponibilidade de participar deste processo de construção, que visa trazer-lhes uma reflexão sobre as práticas docentes dessa instituição.

Divido com vocês esta vitória.

Julho/2004

Deise Helena Rosa da Costa

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer traz à minha lembrança atitudes que jamais esquecerei. Inicialmente, agradeço a força divina que, sempre, em minhas orações, me trouxe paz e energia para seguir esta construção.

À Prof^a. Dr^a. Maria Arleth Pereira, pelo profissionalismo e por sua especial orientação e acompanhamento neste trabalho.

Aos professores da banca: Dr^a. Suze Gomes Scalcon, Dr. Clovis Guterres, Dr. Valdo Barcellos, pelas orientações e sugestões.

Aos professores(as) do PPGE/UFSM, pelo convívio, como colegas e orientadores das disciplinas ministradas durante o curso, servindo de suporte para a realização desta pesquisa.

As minhas colegas Evanir Carvalho e Nádia Perlin que, inúmeras vezes, me ajudaram na tarefa de revisão textual e gramatical deste trabalho.

Ao meu esposo Luiz Fernando, pelo companheirismo destes momentos.

A minha mãe e irmãs, por me fazerem perceber que eu era capaz de chegar a esta vitória.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE ANEXOS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	1
1 REVISÃO DA LITERATURA	17
1.1 Educação e atuação cidadã: uma construção histórica ...	17
1.2 Formação e trabalho docente	28
1.3 Formação docente e práticas em valores éticos	33
1.4 A escola, o docente e a prática cidadã	41
2 METODOLOGIA	46
2.1 Enfoque metodológico	46
2.2 Sujeitos da pesquisa	47
2.3 Local da coleta de informações	52
2.4 Instrumentos da pesquisa	54
2.5 Procedimentos para coleta das informações	55
2.6 Período de produção das informações	58
2.7 Tipo de análise	58
2.8 Categorias de pesquisa	60
3 REALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA	69
3.1 A prática docente em valores éticos, na ótica dos alunos(as) e professores(as) do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	69
3.2 Identificando valores éticos e construindo caminhos	71
3.3 Conhecendo as dificuldades na disseminação de valores éticos	87
3.4 Transpondo barreiras e vivenciando valores éticos	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
BIBLIOGRAFIA	104
ANEXOS	109

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Valores na ótica dos professores(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	122
FIGURA 2 -	Valores na ótica dos alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	123
FIGURA 3 -	Valores na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente ...	124

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A -	Roteiro para técnica de coleta de dados: questionário para os professores(as) do Ensino Médio e Profissional da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	110
ANEXO B -	Roteiro para técnica de coleta de dados: questionário para os aluno(as) do Ensino Médio e Profissional da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	115
ANEXO C -	Roteiro para entrevista semi-estruturada	119
ANEXO D -	Gráficos sobre valores na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente	121

LISTA DE ABREVIATURAS

GOT -	Ginásios Orientados para o Trabalho
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC/SEF -	Ministério da Educação/Secretaria de Educação Federal
ONU -	Organização das Nações Unidas
PCN -	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGE -	Programa de Pós-Graduação em Educação
PREMEN -	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino
UFSM -	Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A PRÁTICA DOCENTE E A DISSEMINAÇÃO DE VALORES ÉTICOS NO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL

AUTORA: DEISE HELENA ROSA DA COSTA
ORIENTADORA: Dra. MARIA ARLETH PEREIRA
Santa Maria, Julho de 2004.

O trabalho, **A Prática docente e a disseminação de valores éticos no ensino médio e profissional** vincula-se à Linha de Pesquisa Práticas Educativas nas Instituições do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Este trabalho objetiva analisar as práticas docentes na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, em São Vicente do Sul, RS, bem como identificar os valores éticos que permeiam essas práticas, dificuldades e maneiras de disseminá-las na construção social do conhecimento. A análise dos dados é textual-qualitativa, seguindo os objetivos da pesquisa e as categorias de análise, como instrumentos de pesquisa foram utilizados o questionário e a entrevista semi-estruturada. A educação em valores trabalha com os conhecimentos que vão além da dimensão cognitiva, explorando a dimensão social. Assim, uma prática docente cotidiana alicerçada em valores éticos constitui-se em educar para uma atuação cidadã, ao mesmo tempo, representa um grande desafio devido à complexidade que é o ser humano e às diversidades existentes entre os grupos sociais, no contexto escolar. Segundo os posicionamentos e argumentações dos professores(as), só se pode exercer a prática docente em valores éticos, quando houver a autovalorização profissional, somada ao reconhecimento do trabalho por parte da comunidade e a um processo de formação humanizado. Sob um ponto de vista bastante otimista, os valores éticos estão sempre presentes na prática docente, mesmo que em escalas distintas e são esses valores que permitem ao professor(a) desempenhar, de forma eficiente, o seu papel profissional e social. Em relação aos educandos, observa-se uma associação de valores com a prática docente relacionados à competência do professor(a) e, até mesmo, à aprendizagem e à construção do conhecimento. Segundo os pesquisados, os valores éticos são condicionantes do bom desempenho docente e da facilidade de aprendizado dos alunos(as). A relação em valores entre professores(as) e alunos(as) auxilia o desenvolvimento pessoal dos discentes, direcionando-os a possibilidades de resolução de problemas diários, ajudando-os nos debates sobre conhecimentos atuais, formando diferentes visões de mundo e permitindo atenção individualizada na condução a posicionamentos mais seguros. Essa relação interpessoal, quando efetiva, facilita a reflexão sobre as ações cotidianas, a afirmação dos pensamentos em formação e, principalmente, a capacidade de reconhecer as diferenças pessoais e valores individuais dos alunos(as). A pesquisa, pelo fato de abordar valores e aspectos relacionados à prática docente, tem possibilidades de contribuir para o enriquecimento das relações interpessoais, acentuando uma cumplicidade entre o professor(a) e o aluno(a), no sentido de valorizar, sempre e cada vez mais, o processo formativo.

Palavras-chave: 1. Educação 2. Pedagogia 3. Prática pedagógica
4. Ensino médio 5. Ensino profissionalizante 6. Ética 7. Valor

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A PRÁTICA DOCENTE E A DISSEMINAÇÃO DE VALORES ÉTICOS NO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL

(THE EDUCATIONAL PRACTICE AND THE DISSEMINATION OF ETHICAL VALUES IN
THE MEDIUM AND PROFESSIONAL TEACHING)

AUTHOR: DEISE HELENA ROSA DA COSTA

ADVISOR: Dra. MARIA ARLETH PEREIRA

Santa Maria, Julho de 2004.

The work, The Educational Practice and the dissemination of ethical values in the medium and professional teaching is linked to the Line of Research Educational Practices in the Institutions of the Course of Master's degree in Education of Santa Maria's Federal University. This work aims at to analyze the educational practices in the optics of the teachers and students of the State School of Medium Teaching São Vicente, in São Vicente do Sul, RS, as well as to identify the ethical values that permeate those practices, difficulties and ways of disseminating them in the social construction of the knowledge. The analysis of the data is textual-qualitative, following the objectives of the research and the analysis categories, as research instruments the questionnaire and the semi-structured interview were used. The education in values works with the knowledge that is going besides the cognitive dimension, exploring the social dimension. Like this, a daily educational practice based in ethical values is constituted in educating for a citizen performance, at the same time; it represents a great challenge due to the complexity that is the human being and to the existent diversities among the social groups, in the school context. According to the positioning and arguments of the teachers, it can only be exercised the educational practice in ethical values, when there is the professional self-valorization, added to the recognition of the work on the part of the community and a formation process humanized. Under an optimistic plenty point of view, the ethical values are always present in teacher practice, even in different scales; they are those values that allow teachers to carry out, in an efficient way, their professional and social role. In relation to the students, an association of values is observed with the educational practice related to the competence of the teachers and, even, to the learning and the construction of the knowledge. According to the researched, the values are conditioning to the good educational acting and the easiness of students learning. The relationship in ethical values among teachers and students aids the personal development of the students, addressing them to possibilities of daily problems resolution, helping them in debates on current knowledge, forming different world visions and allowing individualized attention in the conduction to safer positioning. This interpersonal relationship, when effective, facilitates the reflection about the daily actions, the statement of the thoughts in formation and, mainly, the capacity to recognize the personal differences and individual values of students. The research, for the fact of approaching values and aspects related to the educational practice, has possibilities to contribute for the enrichment of interpersonal relationships, accentuating complicity among the teacher and the student, in the sense of valuing, more and more, the formative process.

INTRODUÇÃO

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes
de comparar, de valorar, de intervir,
de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos
seres éticos.
Paulo Freire

Na minha trajetória de vida, através da educação, adoto posturas e atitudes, construo uma bagagem de experiências e de conhecimentos. Minha educação formal foi rica em valores voltados para a convivência solidária. Sempre estudei em escola pública. As primeiras séries em escola municipal rural, onde merenda, festividades, lazer e recreação, tudo era organizado junto aos nossos pais e comunidade escolar. O período de escolarização da 5ª série ao 2º grau ocorreu em escolas estaduais urbanas.

Minha formação profissional - Licenciatura Plena em Geografia - deu-se na Universidade Federal de Santa Maria, no período de 1984 a 1987. Essa mesma instituição proporcionou-me, também, a realização do Curso de Especialização em Metodologia de Ensino, no ano de 1990, e em 2004 o Mestrado em Educação, na linha de pesquisa "Práticas Educativas nas Instituições" ¹.

No âmbito profissional, minha atuação docente identifica-se com o contexto onde iniciei o processo de educação formal. Primeiramente, trabalhei em uma escola municipal rural, no município de São Vicente do Sul, com turmas do Ensino Fundamental, sendo, uma delas, no período

¹ Esta linha investiga as ações educativas em suas diferentes modalidades, desenvolvidas nos diversos ambientes institucionais, inclusive a escola. O foco de interesse é a dinâmica do processo educativo, relacionado com as múltiplas interfaces do conhecimento pedagógico.

de 1988 até 1994. Essas turmas, pelas condições físicas e econômicas, fizeram com que eu, juntamente com os colegas, alunos(as) e comunidade escolar, participasse de momentos de lazer e, desta forma, desenvolvesse valores como respeito e união, conquistando, juntos, o crescimento destas instituições.

Após 1995, passei a desenvolver minhas atividades docentes em Escolas Federais, atualmente no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul, atuando no Ensino Médio e Profissional, além de coordenar trabalhos artísticos junto aos grupos tradicionalistas. A atividade de coordenação proporciona, mais uma vez, trabalhar valores, como os da cultura, da conduta, da integração, da comunicação, entre outros valores éticos.

Na atuação profissional, destaco como fato importante o ingresso na profissão-professor, logo que concluída a licenciatura, com muita energia, apesar da falta de maturidade suficiente em relação à responsabilidade de educar.

Houve uma grande valorização da minha formação específica em Geografia – Licenciatura Plena, por parte da Secretaria Municipal de Educação de São Vicente do Sul e nas comunidades escolares onde atuei, pois, até então, era inexistente em âmbito municipal, já que os demais colegas possuíam formação na área de estudos sociais. Sempre me relacionei com muita afetividade nas e com as instituições de ensino onde desenvolvi minha trajetória profissional.

Acentua-se, além disso, a satisfação profissional, quando espontaneamente ocorreu o reconhecimento por parte dos alunos(as), pela oportunidade de relacionar, refletir ou trazer-lhes olhares diferentes aos seus cotidianos.

A aproximação de confiabilidade e respeito que mantenho com os alunos(as), na minha vida profissional, faz com que os mesmos se tornem a minha família e amigos próximos.

A possibilidade que esta profissão oferece e, ao mesmo tempo, exige de nós, professores(as), é de um crescimento e busca permanente de atualização, para que possamos nos integrar com o meio, fazendo-nos seres ativos e participantes na comunidade escolar.

Nesse contexto é que a busca pelo Mestrado originou-se, ou seja, da necessidade de qualificação e valoração profissional. Nessa trajetória, defino-me pela educação em valores éticos, pois sempre tive forte preocupação com a formação humana dos alunos(as). Portanto, justifico minha aproximação com a área proposta nesta pesquisa, que é a disseminação de valores éticos na prática docente, na concepção de uma educação cidadã.

O interesse pela área temática “Educação em valores numa perspectiva cidadã”, resultou de uma busca, enquanto profissional da educação, por uma atuação mais ativa na prática pedagógica em valores éticos. Educar para prática cidadã é, sem dúvida, contribuir para a formação dos alunos(as), com consciência e posicionamento mais flexíveis e críticos. O sentido de criticidade é não se opor indiscriminadamente às propostas e idéias apresentadas, mas estar preparado para avaliar cada situação com cautela e estar apto para questionar o que não se considera adequado, com argumentações fundamentadas.

Historicamente, sabe-se que a prática educativa docente era reservada para ensinar a alunos conhecimentos formais e padrões morais. Hoje, a escola necessita ir além disso, pois educação, segundo Tardif (2002), é um processo de formação e de aprendizagem elaborado socialmente e destinado aos homens e mulheres com base nos diferentes saberes sociais. A escola deve ser um lugar onde se possa vislumbrar os

seres humanos em suas múltiplas dimensões, sejam elas sociais, econômicas e políticas. Apesar de Göergen (2001) afirmar que a prática educativa não deve ser entendida apenas como o espaço restrito à escola, é importante salientar que ela se constitui em uma face muito importante do processo educativo, desde que a prática docente seja contextualizada e permeada de valores éticos.

Verifica-se, no decorrer da história, uma evolução dos valores nas ações humanas, que nos modificam e transformam. É necessária a troca de valores para se conciliar espiritualidade e ciência, tradição e inovação em nossas existências, à luz de vivências e concepções dos valores do mundo atual. Não basta afirmar que se gosta do gênero humano, pois isso é muito amplo e distante. É preciso, de alguma maneira, dizer que se gosta de alguém e, então, viver mais afetivamente.

A escola, como parte da sociedade, não foge a esse compromisso e deve preocupar-se com uma formação mais humanística, utilizando-se dos valores em suas práticas pedagógicas. As relações em valores mudam com o tempo, acrescentando-se outros, novos, às práticas docentes. Segundo Enricone (1992), os valores fundamentaram-se em diferentes tendências, como: a platonizante, onde os valores se constituem em um mundo à parte da realidade; a psicológica, que demonstrava as projeções de nossas necessidades psíquicas; a sociológica, em que os valores são fatos sociais, fruto da sociedade e segregações do meio; a existencialista, onde os valores são determinados pela liberdade individual; a marxista, resultante das estruturas sociais e econômicas; a espiritualista, em que o valor absoluto, em última análise, é Deus e a realista, a partir da qual o valor é a perfeição do ser, descoberta e vivenciada pelo sujeito.

Essa caminhada em relação à compreensão da valoração na existência humana é bastante complexa e, conseqüentemente, deve auxiliar na adoção de comportamentos coerentes, éticos e sociais.

A prática docente, fundamentada em valores éticos, há muito tempo faz parte dos meus anseios, desde o trabalho com Ensino Fundamental, em escolas rurais municipais, em São Vicente do Sul e, nos últimos oito anos, no Ensino Médio e Profissional, em instituições federais. Tenho, hoje, mais clareza e segurança sobre a importância do trabalho docente na comunidade escolar, em conduzir a reflexão nas relações interpessoais e de ter uma visão mais crítica na construção dos conhecimentos.

Primeiramente, esta valoração se deu em relação ao trabalho docente como uma profissão. Trabalho que exige qualidade para auxiliar nas relações do dia-dia, ou, conforme Heller (1992), as relações da vida cotidiana, frutos da particularidade dos homens. Portanto, uma ação muito heterogênea que requer uma prática docente voltada para uma educação mais cidadã.

Na escola há desafios a serem refletidos e solucionados, os quais nos levaram a questionar o que estava ocorrendo no contexto escolar em relação à prática docente em valores éticos.

Dessa forma, surgiu a necessidade de verificar quais valores éticos são disseminados nas práticas docentes, na ótica dos professores(as) e dos alunos(as), bem como as possibilidades e limitações existentes para que essa disseminação de valores éticos ocorra no cotidiano escolar.

Um dos desafios para a educação está na formação docente para a “construção” de conhecimentos que permitam a reflexão e disseminação de valores, entre eles, os da ética voltada para o saber conviver. Ética, na visão de Freire (1998), opõe-se a todos os tipos de discriminação, seja de raça, gênero ou classe, e esta forma de relacionar-se não pode estar afastada, deve ser inseparável da prática docente, não importando a faixa etária com que se trabalha.

A realidade citada e o local onde essa pesquisa ocorreu não são desprovidos de valores éticos, pois onde está o homem e a mulher estão os valores. Basta identificá-los. Na verdade, eles são pouco trabalhados de forma explícita. Normalmente, quando abordados, faz-se de maneira inconsciente e não associada aos conteúdos didáticos. É uma realidade pela qual todos os professores(as) e alunos(as) são responsáveis, porque eles a constroem dia a dia durante a atividade pedagógica, de forma resultante do tipo de formação acadêmica ou da própria educação não formal que tiveram.

Segundo Assmann (2000), é exatamente por essas exigências de competências humanas que o trabalho docente deve interferir na realidade e desenvolver uma cultura de construção e reconstrução permanente do conhecimento. É preciso, não só a técnica humana, mas a competência da viabilização de estar na sociedade e nela desenvolver valores embasados em diversos saberes. Para tanto, Perrenoud (2002) aponta como necessário o sujeito ser capaz de averiguar seus próprios saberes com discernimento e relacioná-los, transpô-los e enriquecê-los, para que sejam úteis no agir.

Esse trabalho prima no sentido de mostrar essa realidade escolar e as formas como se pode interferir na prática docente, de maneira a permeá-la com os valores éticos, numa perspectiva de educação cidadã. Trata-se de uma realidade escolar em que os professores(as) precisam se dar conta da riqueza de valores que possuem e que necessitam vivenciar, enquanto pessoas individuais, e que, no coletivo, no contexto escolar, está fragmentada. Espera-se que os alunos(as) acrescentem, ao seu cotidiano, valores éticos que sejam frutos das relações escolares, que possam tornar-se sujeitos envolvidos na luta por uma sociedade mais justa e humanitária.

As práticas docentes, nesta direção, precisam estar impregnadas de valores éticos, contextualidade e vivências. Atualmente, muito se discute

sobre a imagem do professor(a). Dele exige-se competência, qualidade, compromisso e formação. Essas são atitudes que exigem mudanças na atuação do professor(a), que vão, conseqüentemente, refletir na prática docente. Assim, o professor(a) não pode alimentar sua prática apenas da técnica, pois o processo se tornaria vazio. Para Gadotti (2002), a prática vai além da aplicação da técnica, são as atitudes que constroem os comportamentos éticos.

Para isso, toda a comunidade escolar precisa, constantemente, rever seus papéis, pois, no espaço físico ou pedagógico, todos devem ser educadores. Essa é uma concepção semelhante à de Freire (1992), sobre as cidades como espaço educador.

As constantes transformações por que passa a sociedade e suas formas de relacionamento fazem emergir questionamentos sobre valores, questionamentos estes que giram mais em torno da sua indefinição, do que propriamente sobre a ausência deles. Vivem-se crises culturais quando se questionam os valores, idéias, crenças devido aos problemas de uma nova realidade. Entre os valores, destaca-se a ética. Segundo Goergen (2001), a ética é de grande relevância teórica e prática, pois a vida depende de nossa consciência ética, porque é esta consciência que direcionará nossa ação e interação.

O termo “ética” possui origem grega “*ethos*”, que significa “costumes”. Com as mudanças sociais, entre elas o desenvolvimento do conhecimento, este termo foi recebendo significados. Rios (2000), define ética como uma reflexão crítica sobre a moralidade, como um valor que orienta o comportamento humano, em relação aos outros homens, garantindo um estar social voltado para a convivência.

Convivência é aqui definida, conforme Serrano (2002), como algo que se cria, cultiva-se, não é algo que nos é dado. É a capacidade de viver junto, sem dúvida, um dos grandes valores na sociedade atual, construída a partir das condições naturais e sociais dos seres humanos.

Estas relações interpessoais só ocorrem de forma harmônica, quando o pensar, o sentir e o atuar dos sujeitos da comunidade escolar são frutos da consciência e da responsabilidade de uma conduta humana espontânea e ética. A razão de se definir um valor ético como bom ou ruim está relacionada à promoção da vida, pois esta é a base da validade para a ética. Temos exemplos de homens que agiram desta forma, como: Chico Xavier, Irmã Dulce, Albert Schweitzer, Betinho entre outros.

É preciso pensar os valores embasados na ética, pois a sociedade apresenta paradoxalmente os avanços técnico-científicos, o progresso e, ao mesmo tempo, a miséria, a violência, o desemprego e a agressão ao meio ambiente, frutos de uma evolução social e humana desigual, onde as oportunidades estão, normalmente, centradas em grupos restritos. São, portanto, grandes as diferenças e a complexidade das relações em nosso meio.

A realidade em que a escola está inserida é embrutecida pelas desigualdades, e a educação deve primar por uma prática cidadã, deve incentivar os jovens para que busquem, na escolaridade, o prazer de viver, a prática da reivindicação de inclusão nesse meio competitivo.

Dado esse contexto, a pesquisa aborda os valores éticos dentro do conjunto de ações que permeiam a prática docente. Assim, o trabalho realizado com alunos(as), o convívio com colegas de profissão e a fundamentação teórica encontrada em obras como a de Freire, Gadotti, Morin, Gentili e outros, se constituíram em elementos importantes para o desenvolvimento de uma reflexão e de uma postura crítica sobre o meu fazer pedagógico. As relações interpessoais, a prática docente e a revisão da literatura conduziram-me a suscitar indagações e pensar sobre “a prática docente e a disseminação de valores éticos” nesse contexto globalizado e cheio de contradições. Valemo-nos da idéia de Santos (1996, p. 15), “nunca foi tão grande a discrepância entre a possibilidade

técnica de uma sociedade melhor, mais justa e mais solidária e a sua impossibilidade política de vivenciá-la”.

Para tanto, é necessário repensar a prática docente, as formas de se trabalhar o conhecimento, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais, sob a forma de temas transversais, já nos orientam para uma educação em valores éticos. Eles permitem que se tenha a pretensão de atravessar diferentes campos do conhecimento e trabalhar valores distintos, embora ainda existam limitações na competência docente e no descobrimento desses valores que orientam as ações do homem e consentem que se faça ponderações críticas sobre os elementos de análise do nosso meio.

Entre esses temas transversais, como a pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual propostos, encontramos a questão da ética no convívio social a partir da própria escola, pois o conhecimento não é neutro e nem impermeável a outros valores. Só há possibilidade de um “mundo ético” no espaço da convivência humana, desde que se procure um entendimento mútuo e responsável nas ações praticadas. Daí a importância do trabalho docente priorizar estudos nesse campo, principalmente nos ambientes escolares.

Felizmente, o trabalho docente tem sido repensado, pois não se constitui apenas no conhecimento a ser construído. A função do trabalho docente vai, além disso. O professor(a) deve transformar as aulas em um espaço para aprender a viver com os outros e alcançar a maturidade de colaborar para a construção da identidade do aluno(a). Para isso, propõe-se uma prática transdisciplinar que, conforme afirma Antônio (2002), é um novo modo de pensar e de se produzir conhecimento, recusa-se à separação rígida dos saberes. É necessário compreender o aluno(a) e o contexto em que vive, exercendo uma prática em forma de rede, teia, procurando-se a “unidade na diversidade e a diversidade na unidade”.

Para a construção de um espaço ético na escola, é importante que existam trocas pessoais, através do diálogo, de exposições das histórias

de vida, a fim de tornar a prática docente, uma atividade significativa pela convivência do professor(a) com os alunos(as) e pela valorização dos dados do cotidiano. O professor pode perder as ilusões, mas nunca a esperança, que se constitui na grande arma contra a inexpressividade e a indiferença que esta sociedade da informação está introduzindo no espaço escolar. Esperança, como afirma Freire (1998), de que o professor, junto com seus alunos(as), possa aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e, juntos, vencerem os obstáculos da sociedade contemporânea.

Acredita-se no trabalho do professor(a), através de sua competência, habilidade e aproximação com os alunos(as), que serve como catalisador de todos os valores e contra-valores da convivência social na escola ou refletidos nela. Como afirma Gadotti (2002), a educação supõe força e ação de uns sobre os outros, impostas ou não, o que faz a diferença são as atitudes, os valores éticos. É exatamente a presença de valores éticos, na força e na ação da prática docente, que fará a diferença na educação.

Desta maneira, justifica-se a importância da pesquisa sobre a prática docente e a disseminação de valores éticos. É, pois, juntamente com os colegas de profissão, que também trabalham com o “conhecimento” e contribuem para a formação da identidade dos jovens, que está centrada a construção de uma educação cidadã, permeada de valores éticos, capaz de preparar os jovens para a convivência e para o resgate da qualidade de vida e a conquista de espaços, conforme afirma Pereira (2002).

Se a prática docente estiver voltada para uma educação integral, intensificada, principalmente no Ensino Médio e Profissional, ela auxiliará o jovem nesta faixa etária, marcada por afirmações e convivência com adultos.

É justamente neste espaço de atuação do trabalho docente, que envolve o Ensino Médio e Profissional, que a investigação ocorreu, pois se trata do meu contexto de atividade profissional. Averigüei, junto aos professores(as) e alunos(as) do Ensino Médio e Profissional da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, seus olhares nas práticas docentes e a disseminação de valores éticos.

Esta instituição traz, em sua proposta pedagógica, o objetivo de formar um cidadão preparado para acompanhar as mudanças ocorridas no mundo, que possa atuar, de forma consciente, com responsabilidade e democracia, e que desenvolva sua autonomia intelectual, pensamento crítico e capacidade de continuar aprendendo, o que me incentivou e despertou interesse para desenvolvimento desta pesquisa.

Na realidade, o conhecimento e prática em valores éticos, por parte dos docentes, ocorrem de forma diferenciada, pois dependem da concepção e da formação dos profissionais. A ética, na perspectiva de Rios (2000), apresenta-se como um pensamento crítico, que quer olhar com clareza, com abrangência e com profundidade os problemas que se colocam aos homens e às mulheres, em suas vidas. É, portanto, uma reflexão crítica sobre o comportamento humano.

Ao repensar a prática docente de forma mais reflexiva, a presente investigação voltou-se para a temática “educação em valores éticos”. Essa reflexão sobre a prática é, conforme Perrenoud (2002), extremamente necessária, com aprofundamentos teóricos e com lucidez, exigindo um afastamento das práticas cotidianas para enxergar as falhas, considerar as particularidades de cada um e encontrar caminhos.

Nessa visão, é necessário refletir a prática docente, procurar na ação e no cotidiano a identidade pessoal como agente transformador, pois esta não deve se limitar a ensinar para fornecer diplomas, e sim finalizar o compromisso com os alunos(as). Ela precisa se fundamentar nos valores éticos. A ação docente deve preocupar-se com a formação

humana e, enquanto educadores, fomentar a compreensão e o convívio social, pois negar a realidade do aluno(a) é um ato de violência para com a sua vida, é, conseqüentemente, faltar com os esses valores.

Como afirma Libâneo (2000), o tratamento das questões éticas na escola ainda depende de investigações consolidadas e, por isso, se constitui em desafio aos educadores, que ainda não estão preparados para trabalhar práticas em valores éticos.

Uma prática docente desejável, no contexto escolar, é de que exista um espaço de diálogo, de troca, de empatia, de respeito, de crescimento, enfim, de uma grande diversidade de valores na convivência diária. Dessa forma, esta pesquisa constituiu-se em um desafio, no sentido de buscar respostas para o seguinte questionamento: **Que valores éticos permeiam a prática docente no contexto da convivência escolar, na Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente?**

Nesta investigação, busquei obter suporte analítico-crítico para analisar a prática docente em valores éticos, na ótica dos professores(as) e alunos(as), tendo como instrumentos de coleta de dados, para esta pesquisa, os questionários e uma entrevista semi-estruturada.

Sabe-se que, para se colher frutos, é importante que se tenha solos férteis. Mas, em primeiro lugar, é necessário semear, disseminar boas sementes, para que, com cuidado e preparo, possam estas também frutificar. É dessa forma que esta pesquisa pode auxiliar na reflexão sobre as práticas pedagógicas desta instituição, para que estas possam ser construídas e permeadas de valores éticos, a fim de conduzir os alunos(as) a práticas cidadãs, ou seja, religar a aprendizagem à vida.

Em nosso meio, as diferenças não se reduzem às desigualdades sócio-econômicas, pois estas são também marcadas pela diversidade cultural e racial. Portanto, ao se propor uma educação cidadã, deve-se articular estas questões junto a educadores e gestores políticos. A

articulação entre educação e cidadania gera mudanças, não só conceituais ou teóricas, mas de conhecimento, respeito e diálogo entre as várias culturas e visões de mundo. Deve propiciar aos sujeitos da educação, a oportunidade de defrontar e se aproximar das diferenças sócio-culturais e, assim, construir uma educação cidadã.

A educação cidadã, na realidade, não se restringe apenas à área de abrangência dos professores(as), nem tão somente ao espaço escolar. Ela faz parte da atuação do ser humano como um todo, no ambiente em que ele está inserido. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, assegura a retomada da educação humanista, reiterando os princípios propostos pela Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, amparada no aprender a conhecer, no aprender a fazer, superando a falsa divisão entre teoria e prática, além do aprender a conviver, em busca de uma sociedade mais solidária.

Esta sociedade seria resultado de uma ação cooperativa e não individualista, do aprender a ser, desafiando a educação para a constituição de identidades responsáveis e solidárias, comprometidas com a inserção do homem e da mulher no seu tempo e no espaço. A educação não pode limitar-se a transferir conteúdos prontos. Estes devem conter elementos indispensáveis para uma prática cidadã, não só no sentido político, formal, mas numa perspectiva social, ou seja, nas relações de trabalho entre outras relações.

A educação cidadã se constitui em forma de promoção de mudanças, pois se relaciona à concepção que a Lei n. 9.394/96 traz para o Ensino Médio, de estabelecer vínculos do mundo do trabalho e da prática social, ou seja, um crescimento da pessoa como “sujeito–cidadão”, com valores e competências para a integração do projeto do educando ao contexto em que se situa.

Para tanto, é preciso que o desejo de conhecimento se fundamente nas complexidades enquanto seres humanos, e esteja fortemente

presente na educação, assim como a vontade, a intencionalidade de ensinar, considerando que deve ser uma das características do homem e da mulher planejar com os desejos e não só com a realidade.

Nessa perspectiva, este estudo buscou analisar a prática docente em valores éticos, na ótica dos professores(as) e alunos(as), considerando que o trabalho docente, no ensino como um todo, deve preocupar-se com uma educação para a formação cidadã, onde os conhecimentos, habilitações práticas e as atitudes sejam parâmetros para a elaboração de um projeto de vida, vinculado a estes valores.

A partir do objetivo geral, foram suscitados outros objetivos mais específicos, que, após as atividades de pesquisa, oportunizaram um maior conhecimento sobre a prática pedagógica docente em valores éticos, sobre as dificuldades e oportunidades de abordagem dos mesmos na construção social dos conteúdos, na Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente.

Os nossos projetos de vida são construídos e se transformam no cotidiano da vida social, pois, juntos, elaboramos as nossas histórias de vida, resultantes da colisão de valores. Somos heterogêneos quanto aos nossos desejos e enquanto humanos. Dessa forma, a prática docente em valores éticos, embora limitada em sua atuação, é capaz de formar e transformar cidadãos, tornando-os capazes de lutar contra os processos de exclusão.

Sabe-se que a autonomia do professor(a), enquanto sujeito histórico, social e político, necessita ser conquistada, para que se perceba sua construção e as conseqüências no seu trabalho. O resgate histórico é feito através de sua própria prática. O sujeito social é trazido para o cenário da pesquisa, a partir de sua realidade. E o político que existe, inserido nesse sujeito, mostra-se, através do espaço que ocupa, das opções, que visualiza e das escolhas que faz, seus anseios e perspectivas.

A prática docente cotidiana, alicerçada em valores éticos, permite-nos perceber se a educação está voltada para a cidadania plena ou para a dependência. Trabalha com conhecimentos que vão além da dimensão cognitiva, explorando, também, a dimensão social desses conhecimentos. Entram aí os valores éticos da convivência como respeito, tolerância, lealdade, diálogo, etc. Salienta-se que a forma de trabalho dos professores(as) intervirem em suas práticas educativas é reveladora de suas concepções ideológicas e de sua práxis, ou seja, dos saberes pedagógicos que Pimenta (2000) define como os conhecimentos elaborados a partir da relação teoria e prática.

A educação em valores éticos é um desafio e, ao mesmo tempo, um importantíssimo chamado no âmbito das preocupações sociais. É desafio pela complexidade que é o ser humano e pelas dificuldades que os professores(as) possuem de vincular os valores aos conteúdos e, conseqüentemente, estes serem transmitidos e absorvidos pelos alunos(as).

Assim, cabe vivenciar os valores éticos para, a partir deles, preconizar uma formação escolar e profissional cidadã, que construa uma sociedade mais solidária, mais humana, na qual a educação tem papel fundamental. Eles nos permitem respeitar e apreciar, em toda sua dimensão, as múltiplas diversidades e construir, através do diálogo, respeito, amizade, entre outros valores, uma relação de convivência mais harmoniosa entre os seres humanos e nos ambientes dos quais fazemos parte.

O desejo de responder às questões levantadas possibilitou investigar e, agora, apresentar, como forma de dissertação, os temas que fundamentaram este trabalho.

Após a apresentação do problema, sua origem e relevância, e definição dos objetivos, procurei trabalhar e discutir, na revisão da

literatura, os temas básicos, que dizem respeito a valores éticos, prática docente e educação cidadã.

Na descrição metodológica, encontra-se o enfoque da pesquisa, os sujeitos envolvidos, o local da coleta de informações, bem como os instrumentos de investigação, os quais foram definidos de forma a construir resultados concretos, baseados em vivências do cotidiano escolar e concepções individuais sobre o tema.

Quanto à realização e interpretação da pesquisa são tecidos e narrados comentários dos registros das entrevistas e questionários, respeitando-se os depoimentos no anonimato, como os mesmos assim decidiram que fosse.

Finalmente, são apresentadas as considerações finais do trabalho, que, após os contatos com os professores(as) e alunos(as) do Ensino Médio/Profissional, permitiu a identificação de uma série de valores éticos que permeiam a prática docente na Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente.

Segundo os pesquisados, trata-se de valores condicionantes do bom desempenho docente e da facilidade de aprendizado dos alunos(as), pois nesse convívio social, os valores e contra-valores são vivenciados de forma variada e estes últimos, às vezes, e de forma agressiva, também permeiam as relações interpessoais.

Portanto, uma educação permeada de valores éticos, torna-se um grande desafio, pela complexidade que é o ser humano e pelas heterogeneidades entre os grupos sociais. Se alicerçada em valores éticos, permitir-nos-á conceber e exercer um processo educacional efetivo, completo, conseqüentemente voltado para uma atuação cidadã. Assim, possibilitará um maior enriquecimento das relações professor-aluno, tornando-os agentes e cúmplices do processo formativo.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Educação e atuação cidadã: uma construção histórica

Todo mundo ama, um dia todo mundo chora
Um dia a gente chega e no outro vai embora.
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz.

Almir Satter

Educação escolarizada é o processo pelo qual uma pessoa, ou grupos de pessoas, adquire conhecimentos gerais, científicos, artísticos, técnicos ou especializados, com o objetivo de desenvolver suas capacidades ou aptidões. Além de conhecimentos, a pessoa adquire também, pela educação, certos hábitos e atitudes. Pode ser recebida em estabelecimentos de ensino especialmente organizados para esse fim, como em escolas elementares, colégios, universidades, e tantas outras instituições, ou mesmo através da experiência cotidiana, por intermédio dos contatos pessoais, da leitura e do compartilhamento de experiências.

O objetivo primordial da educação é dotar o homem de instrumentos culturais capazes de impulsionar as transformações materiais e espirituais exigidas pela dinâmica da sociedade. A educação escolar reflete em maior conhecimento do homem sobre a natureza, com vistas à criação de uma consciência social relativa aos objetivos do progresso e equilíbrio da coletividade a que pertence.

A educação faz parte da construção da história de vida do homem e da mulher, construção que é diária e tem como meta a realização pessoal.

Busca-se, portanto, felicidade e educação com os mesmos níveis de subjetividade.

Como o homem e a mulher são seres sociais e históricos ao mesmo tempo, pode-se analisar as mudanças que realizam no espaço geográfico, nos pensamentos e valores de uma época para outra.

As sociedades humanas desenvolveram, durante sua trajetória, modos próprios de vida. Erguem-se bandeiras de movimentos políticos, sindicais, ambientais, com ênfases nos aspectos políticos e trabalhistas, sendo estes denominados “lutas pela cidadania”. Cidadania esta que não se limita apenas à evolução democrática das práticas políticas, mas à participação mais efetiva dos homens e das mulheres, no contexto social em que se encontram inseridos. Ao longo dos anos, embora com dificuldades e de forma heterogênea, iniciam-se as conquistas dos direitos e as possibilidades de ascensão social, conquistas que, nas sociedades primitivas e tradicionais, eram inexistentes.

Todos os povos, mesmo os mais primitivos, tiveram e têm uma cultura transmitida no tempo, de geração a geração. Mitos, lendas, costumes, crenças religiosas, sistemas jurídicos e valores éticos refletem formas de agir, sentir e pensar de um povo e compõem seu patrimônio cultural. Nesse contexto, a educação é um instrumento que deve viabilizar, não somente a difusão e a compreensão da dinâmica da vida em sociedade, mas a própria inserção do homem nessa sociedade. Não se pode negar, entretanto, que, por vezes, a educação foi um processo excludente, como se observa na retrospectiva histórica da humanidade.

Na Grécia antiga, dada a supremacia do Estado, a educação visava preparar os jovens para as relações com a Cidade-Estado. Cada Estado tinha suas características e os sistemas educacionais deviam adaptar-se a elas para preparar adequadamente a juventude. Daí decorrem as concepções de Platão e de Aristóteles, de uma educação uniforme, regulamentada em seus mínimos detalhes pela autoridade estatal e

compulsória para todos os homens livres. Platão, na República e nas Leis, mostra a que extremos pode chegar a educação quando extrapola os aspectos essenciais da vida, ou seja, o cidadão-guarda do estado, considerado ideal, não tem direito à vida doméstica e aos laços familiares. Aristóteles não chega a esse exagero, mas considera a educação familiar prejudicial à criança.

O sistema educacional que mais se aproximou dessa concepção foi o adotado por Esparta, onde os jovens eram preparados sob a supervisão direta do Estado, numa espécie de acampamento militar: os rapazes tornavam-se guerreiros e as moças preparavam-se para se tornarem mães de futuros guerreiros. Em Atenas havia leis que dispunham sobre a frequência às escolas dos filhos dos cidadãos livres, e os estabelecimentos de ensino eram regulamentados por legislação especial.

Percebe-se que, na Grécia Antiga, a educação não minimizou as desigualdades sociais. Pelo contrário, acentuou-as, pois a condição de cidadão se restringia aos nobres.

Na Grécia Clássica, entre o século V a.C., originaram-se os novos mestres – os sofistas – denominados de sábios itinerantes. Estes eram responsáveis por elaborar um ideal democrático, enquanto os filósofos se preocupavam com a natureza, eles refletiam as questões morais e políticas. O homem, no momento que possui capacidade de discutir e deliberar nas assembleias, é considerado um cidadão. Os sofistas foram os criadores da educação intelectual. Com a valorização de um trabalho remunerado surgiu, dessa forma, a profissão-professor.

Nasceu também, nesse período, a filosofia, como um processo que fez o ser humano refletir, ao longo do milênio, sobre sua existência e objetivos existenciais. Além disso, as condições de trocas, a utilização da escrita, da moeda, da lei e das instituições políticas, constituíram-se em

elementos que justificaram a nova visão que o homem passou a ter do mundo e de si próprio.

Com o surgimento da escrita, fundamentou-se a democracia, criaram-se as leis, gerou-se o espírito crítico e tornou-se necessário maior rigor e clareza. Os homens não se submetiam à arbitrariedade dos reis ou à interpretação divina. Na ágora, praça pública, o homem se sujeitava à discussão e, assim, fez surgir um conflito de idéias. O homem, então, passou a tecer seu destino, ou seja, exercer o seu direito de cidadão e de busca pelo conhecimento.

Considerando, então, a reflexão lógica, há um encadeamento de proposições e um perfeito emprego da linguagem simbólica construída, através da qual o pensamento e o produto de sua elaboração vêm a ser o conhecimento que, seja como for, não tem outro objetivo se não auxiliar a compreender o mundo, assim como organizá-lo. Apenas o conhecimento pode levar a uma apropriação da realidade, que passa a manifestar-se em três planos distintos:

- no plano da consciência: crença (acreditamos que aquela idéia seja verdadeira);
- no plano da linguagem: interpretação (a expressão da percepção da realidade);
- no plano social: ação programada e consciente sobre a realidade.

Então, o conhecimento pode ser mítico (afetivo-emocional, expresso por símbolos) ou científico e lógico (expresso como conceitos, através de operações do pensamento e da linguagem).

Pode-se, porém, recorrer novamente à História, precisamente ao momento da Revolução Francesa. Com o advento do estabelecimento das cartas constitucionais, que colocavam em choque as normas da sociedade feudal e as normas arbitrárias do regime monárquico, anunciando uma relação jurídica centralizada, chamada Estado de Direito,

o qual, perante a lei, acenava o fim da desigualdade entre os homens, quanto à forma de tratamento. Este fato foi proclamado pelas constituições francesa e norte-americana, sofrendo mudanças após a II Guerra Mundial e pela ONU, com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948. Esta situação enfatizou a importância de uma Constituição para assegurar, aos cidadãos, os seus direitos.

Era muito grande a influência de Voltaire e, principalmente, de Rousseau, lido e aplaudido em praça pública. Inspirados nas idéias de Rousseau, os revolucionários defendiam o princípio da soberania popular e da igualdade de direitos. O exemplo, a revolução americana (1776) também muito contribuiu para exaltar a opinião pública francesa e com a instalação da Constituição estabeleceu-se a igualdade de impostos, secularizou-se o matrimônio, o registro civil e a instrução pública.

Apesar de haver uma classe dominante, que era a burguesia, esta tinha um caráter revolucionário, força construtiva de uma estrutura que incluía o desenvolvimento das cidades e depois das nações. Com a centralização nacional, Portugal e Espanha lançaram-se para conquista de novos continentes.

Salienta-se que, com o advento do capitalismo, ocorreu, por um lado, o fim da sociedade feudal, por outro, levou ao surgimento do processo de exploração e dominação do capital. Com a ascensão da burguesia, a vida urbana diferenciava os cidadãos que trabalhavam no comércio, nas fábricas e que administravam suas funções, com direitos e deveres. A valorização do trabalho foi o primeiro marco para o reconhecimento de luta pelos direitos civis, sociais e políticos.

Conforme Giansanti (1996), a cidadania refere-se a três dimensões dos direitos da pessoa: os direitos civis (liberdade de ir e vir, de associação, de expressão de fé e de pensamento), os direitos políticos (votar e ser votado) e os direitos sociais (acesso à saúde, habitação, educação, etc). Dessa forma, ser cidadão pode ser visto como uma ordem

de igualdade numa sociedade de desiguais. Observa-se que esses parâmetros foram estabelecidos para serem incorporados a partir da própria história da humanidade.

O homem e a mulher, através da educação e da produção do conhecimento, modificam, não apenas o meio, mas a si próprios, suas maneiras de pensar, agir e sentir, definindo seus valores, construindo suas histórias de vida, portanto, suas identidades. Não há uma formação neutra e sempre há influências dos interesses do espaço social ao qual pertence o indivíduo. Em muitos casos, os indivíduos não se adaptam às transformações, assim como a própria sociedade, como é o caso do eterno dilema entre os direitos e deveres dos homens e das mulheres.

Ser cidadão é uma construção diária. Hoje é, acima de tudo, ser um trabalhador e consumidor, o que não ocorria na Antigüidade, pois o trabalhador na Idade Média era aquele que não tinha acesso ao lazer e às disposições intelectuais, consideradas desnecessárias para o tipo de atividade realizada.

Não se é cidadão apenas pela natureza do trabalho exercido, mas pelo modo como se vive e se pensa, ou seja, como se adere a uma cultura. Significa também que, para a maioria das pessoas, não é coisa que se adquire por mérito, porque é da história que a comunidade recebe fisionomia própria, identidade. Conforme Aranha (1996), a história é a interpretação da ação transformadora do homem no tempo.

Na perspectiva da cidadania planetária e pós-moderna, os direitos humanos têm uma importância fundamental, pois a idéia que está por trás da cidadania é a de que se pode pensar num futuro que ofereça possibilidades para todas as pessoas, em qualquer lugar do planeta.

Obviamente as limitações são imensas como, por exemplo, as limitações de poder que também ocorrem entre as classes e entre os

grupos étnicos, com as mulheres e com todos os que estão envolvidos em uma relação de poder, simbólico, político ou cultural.

As relações de poder não estão fora, mas dentro de todos, e se manifestam no plano global. Se a diversidade parece se expressar de forma mais clara no espaço global, não deixa de estar impregnada pela desigualdade. O espaço global está minado pelo conservadorismo e tradicionalismo, e deve ser concebido como um habitat a ser constantemente construído. Nesse habitat, os movimentos sociais expressam também suas pressões internas e externas: negociam, revelam e reproduzem características e práticas que tentam superar. Daí, a democratização do espaço ser fundamental.

As transformações das identidades foi inevitável por todos os movimentos e revoluções já acontecidos e que virão a acontecer, mas ao mesmo tempo abriu-se uma série de possibilidades tanto para as mulheres quanto para os homens. A globalização política permite a possibilidade de articular a reflexão de princípios, um dos grandes temas da sociedade, pois a fonte política de identidade mudou radicalmente.

Deixou de ser um ponto de referência nas horas de decisões cruciais. Isso permitiu a possibilidade de assumir a democracia como eixo de articulação com outras lutas. Essa foi uma das mudanças mais importante do feminismo, que vai progredindo sem abandonar a luta para a democratização da relação dos gêneros. Assim como progride na luta contra o racismo e em todos os níveis pelo reconhecimento e pela redistribuição do espaço global.

Todos querem um mundo novo, mas há de admitir que a mudança deve vir de baixo para cima e é um desafio às formas e medidas autoritárias. A democracia tem que ser exercida em diferentes níveis, no país e no global, na esfera privada e pública. Só a partir dessa visão ampliada de democracia será possível disputar uma dinâmica cidadã estatal no global e no local. Essa é a contribuição das mulheres e dos

homens para a globalização de baixo para cima e para a construção de uma cidadania democrática e uma das maiores ferramentas que ajudariam a construir esse ideal estaria assentada no ato de ensinar, mas para exercer essa atividade, como afirma Freire (1998), exige competência profissional, portanto, preparo para enfrentar as forças antagônicas, o próprio poder, a revolução tecnológica, a capacidade de processar e selecionar informações e os saberes necessários à prática do professor(a).

Conforme Demo (1999), o conhecimento é que distingue o ser humano e pode ser utilizado como virtude para superar pobreza política, condição de intervenção consciente e competente. São estas as justificativas da necessidade da formação constante do educador, para que o conhecimento possa ter o poder de intervenção no espaço cotidiano, que seja contextualizado, nos diferentes mundos, do trabalho, afetivo, do lazer.

Assim, é preciso que alunos(as) e professores(as) repensem as práticas e experiências realizadas nas instituições, pois o cotidiano escolar caracteriza-se por uma pluralidade de discursos, valores e idéias, muitas delas contraditórias. A cultura escolar ou institucional e a cultura do cotidiano ou experiencial chocam-se. Gómez (2001) define cultura como um conjunto de significados, expectativas e comportamentos, compartilhados por um determinado grupo social.

Divide-se, também, num único contexto, as produções simbólicas e materiais, e as realizações individuais e coletivas, dentro de um marco espacial e temporal determinado, gerando uma base sólida de concepções e ideologias.

Sabe-se que as políticas educacionais vêem a educação como um suporte para a estrutura de produção, ou seja, um auto-regulador de mercado. Este é um fator preocupante para uma grande parcela da população que está excluída dos avanços do conhecimento científico. É

importante ressaltar que a escola, em seu contexto, deve ser um local em que não ocorra somente prática docente com funções de formação científica e técnica, mas um local em que as relações sociais aconteçam. Que os olhares educativos dos alunos(as) se voltem para os modelos sociais existentes e possam ser discutidos e analisados.

Dessa forma, percebe-se a importância do professor(a) ser um político em sua prática, que atue diretamente na formação social dos alunos(a), pois a sociedade está na escola e a escola deve estar na sociedade, como sugere Perrenoud (2002).

A educação contemporânea exige uma intervenção na realidade. Para tanto, é necessária uma formação contínua do docente, em que sua prática sincronize escola e sociedade. Esta deve ser feita pelo desenvolvimento da competência, para formar um cidadão para a realidade social, ou seja, para a vida. Para isso, qualquer solução que se queira buscar em relação à qualidade educativa, deve-se voltar para a formação em valores éticos do educador, considerando-se como fatores essenciais, a valorização profissional, a remuneração e o reconhecimento do seu papel na sociedade, pois Santomé (1998, p. 83) explicita o seguinte:

[...] as práticas educacionais estão baseadas na internacionalização da vida social, econômica, política, cultura, religiosa e militar [...] obriga-nos a também a levar em conta as dimensões globais da sociedade e do mundo em que vivemos, estar atentos à revolução informativa e social na qual estamos imersos [...]

Sabe-se que a prática educativa deve voltar-se para homens e mulheres com base em diferentes saberes sociais, vislumbrando os seres humanos em suas múltiplas dimensões, sociais, culturais, econômicas e políticas. Silva (1998) diz que a educação deveria ser uma via para a

autonomia, mas os processos educativos, hoje, o determinam como uma mercadoria.

A sociedade do conhecimento está fazendo da educação mais uma fronteira de expansão do capital e, sendo vista desta forma, não contempla o valor social de promover a igualdade e o crescimento humano e intelectual, mas acentua as distinções sociais.

A própria LDB, no artigo 35, articula que se deve aprimorar o educando como pessoa humana, com formação ética e desenvolver as autonomias intelectuais e o pensamento crítico, ou seja, desenvolver a capacidade de aprender. Para isso, o principal recurso que o educador(a) possui é manter uma postura reflexiva sobre os elementos: formação, conhecimento, aprendizagem, ensino e valores, norteados pela capacidade de aprender com os outros, com os alunos(as) e com suas experiências.

Deixa-se de lado a concepção de que o professor(a) é aquele que sabe e que deve transmitir, bem como que os saberes são fatos teóricos e prontos. Volta-se, sim, para uma articulação dos conhecimentos na prática, exigindo que o professor(a) tenha capacidade de repensar sua ação pedagógica.

À medida que os educadores(as) tentam criar condições para uma prática reflexiva, é possível que se venha confrontar com a “burocracia” escolar, como listas de conteúdos, carga horária, número de avaliações por trimestre, entre outras, o que gera uma prática docente dotada de autonomia relativa.

Sabe-se que esta autonomia deve ser conquistada, enquanto sujeito histórico, social e político, para que se perceba sua construção e as conseqüências no seu trabalho.

Segundo Demo (1999), espera-se da escola impactos mais profundos e decisivos. É necessário, portanto, educar em valores éticos,

criar condições para que se desenvolva sensibilidade, direito de igualdade na formação da identidade das futuras gerações. Só se pode observar isso, quando se tem uma prática atuante e comprometida.

No espaço escolar, a docência precisa ser praticada com liberdade aos educandos, mas, ao mesmo tempo, com segurança, firmeza de atuação e, acima de tudo, credibilidade, pois quanto mais solidariedade existir no trato, mais se abrem portas para escola democrática. Escola esta radicalizada na promoção e formação de cidadãos, ou seja, um local onde os homens e mulheres, tenham capacidade de usufruir e partilhar cultural e materialmente da sociedade, possam ter acesso aos bens materiais necessários para a sustentação de sua existência física e subjetiva e, ainda, aos bens políticos necessários para a sua existência social. Dessa forma, a escola poderá contribuir com a inclusão social.

Busca-se uma escola que se integre aos principais elementos da prática social da comunidade, sua religiosidade, circuito de lazer, conflitos, sua história e suas aspirações. O processo pedagógico democrático aciona todas as energias da comunidade na produção do conhecimento, sociabilizando tarefas, respeitando sua natureza específica e compartilhando sua responsabilidade.

Nota-se que, de acordo com as reais necessidades sócio-político-econômicas do país, o modelo educativo deve ser constantemente revisto, pois ainda existe um número expressivo de crianças, em idade escolar, trabalhando para reforçar o orçamento familiar. Mesmo que a educação não assegure a justiça social, ela é, sem dúvida, parte indispensável para tornar a sociedade mais crítica, solidária e integrada.

Só existe caráter de formação cidadã, se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços. E é por isso que o homem e a mulher, através da educação, possuem mais argumentos para questionar as concepções políticas e os modelos de sociedades. É visível, na estruturação das camadas sociais, a perda de poder aquisitivo das

classes, anteriormente em condições de usufruir e desfrutar de atividades sociais e culturais.

Ensinar exige dos profissionais a criticidade de levar os jovens à mudança da qualidade de vida, ser criativo diante do mundo, procurar sempre acrescentar algo em sua formação. A qualificação é fundamental num mundo marcado pela globalização. O jovem ainda aposta na educação para sua formação e sobrevivência, enquanto os educadores, acreditam que sua prosperidade depende de uma saída exclusivamente individual. É lamentável que essa não seja a visão de um aglomerado de cidadãos comprometidos com a sociedade.

A educação é o caminho necessário para a formação do sujeito-cidadão, levando homens e mulheres, com posturas flexíveis, a constante reavaliação dos valores que se preconizam neste mundo globalizado. A cidadania se move no terreno das práticas relacionadas à vida política, em qualquer organização social. Com certeza, a prática cidadã, por excelência, serviria para a construção de uma sociedade melhor.

1.2 Formação e trabalho docente

O indivíduo da espécie humana não se torna homem a não ser que se integre num grupo que lhe ensine a cultura e preencha a distância entre o cérebro e o ambiente.

Nóvoa

O repensar do trabalho docente e da educação escolar de crianças, jovens, adultos e até daqueles ditos excluídos por alguma condição, necessita de sistemas educacionais que implementem programas para atender essa complexidade e diversidade, como o que mencionam algumas edições legais do Plano Nacional de Educação, que procura

apontar diretrizes para que a escola sonhada para todos possa se concretizar.

A afirmação desses princípios orienta para o enfrentamento de mudanças necessárias à Educação, a qual os cursos de Ensino Médio e Profissional e de formação de professores(as) têm papel importantíssimo. O referencial para formação de professores apresenta-se como um documento que elucida no seu teor, a necessidade de que os cursos de formação possibilitem o desenvolvimento do professor como pessoa, como profissional e como cidadão, e essas metas devem estar explícitas no Plano Político-Pedagógico dos cursos de formação, bem como na estrutura curricular e metodologia dos mesmos.

Acredita-se ser importante observar os cursos de formação e refletir sobre o significado de formador. Perrenoud (2003) aponta que esse grupo de pessoas é constituído pela heterogeneidade de profissionais, apesar de muitos serem provenientes do mundo dos professores(as), das escolas. Para este mesmo autor, toda essa diversidade do mundo formador indica que esse ofício está se constituindo, identificando-se como função.

Conforme Perrenoud (2003, p. 42), uma das características dessa profissão de formador designa-se uma atividade puramente intelectual: "[...] fundada em um saber racional, que é objeto de uma formação cujos procedimentos são explícitos, e dotados de uma forte legitimidade [...]". Portanto, seus dizeres remetem à compreensão de que um formador apresenta conhecimentos intelectuais próprios para o exercício da sua profissão que é formar futuros docentes que irão orientar, explorar, ler, compreender e retomar sua aprendizagem junto a outros, somente através do saberes que lhe fornecem uma legitimidade para o exercício do ofício.

[...] o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa, e com a história primordial, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores na escola, etc. [...] (TARDIF, 2002, p. 11).

Nas palavras do autor, é perceptível que o saber se refere ao saber de um ser humano construído ao longo de sua vida, construção esta que se relaciona com vários aspectos da dimensão pessoal, cognitiva e afetiva, com o intuito de prover um objetivo.

Ao compreender essa dimensão pessoal do saber e sua relação com os aspectos da vida, concebemos sua natureza social. Os saberes constituem-se em um conjunto de aspectos cognitivos, em processo constante de construção ao longo de uma história profissional, partilhada por um grupo social, que repousa sobre um sistema que garante sua legitimidade, seu reconhecimento. Adquirem corpo enquanto agem sobre objetos sociais, portanto, não se trata de um processo fechado em si mesmo, evolui com o tempo e de acordo com as mudanças sociais.

Gauthier (1998) elucida significativamente que esse "*corpus* de conhecimento" possibilita ao docente ler a realidade e a enfrentá-la, já que em tempos passados as idéias pré-concebidas acerca do ofício de professor concebiam que bastava ter cultura, experiência, intuição, bom senso e talento para ser docente. Hoje, após a evolução de algumas pesquisas realizadas nesta área, atividade docente, faz surgir neste campo os saberes de um ensino. O autor apresenta que esses servem como um reservatório de conhecimento no qual buscam referencial para enfrentar a complexidade do dia-a-dia.

Tardif (2002), ao considerar o saber do professor como de natureza social, está se referindo à íntima relação que os professores(as) mantêm nos espaços de trabalho cotidiano. Essa natureza social implica na modificação mútua, sendo assim, sua razão humana.

Mas como esse saber do professor(a) é constituído? Para Tardif (2002), esse conhecimento é um saber constituído socialmente, o que ele chama de dimensão formadora dos saberes, e essa dimensão os assemelha a uma cultura, a um novo saber, uma nova ordem estabelecida que se remete e se insere num tempo, à história de sua formação e de sua aquisição de conhecimentos.

Os saberes do professor(a) são saberes pluralistas, aquele saber transmitido pelas instituições formadoras de professores(as), que se pode chamar de saberes profissionais, que é onde os conhecimentos científicos ou eruditos da ciência da Educação começam a fazer parte do repertório dos docentes.

É necessária a compreensão de que o professor(a) necessita ter o domínio do campo específico do seu conhecimento, mas como ressalta Pimenta (2000), não um conhecimento “enciclopédico”, mas um conhecimento da importância e do significado da ciência, enquanto conhecimento que terá significado ao jovem professor(a) sobre um real humano.

Quando os saberes dos professores(as) passam a incorporar a prática docente, esses podem transformar-se em prática científica, mobilizando os saberes pedagógicos decorrentes de uma teoria. É importante entendermos que os saberes profissionais, no momento em que passam a fazer parte da prática e ganham corpo como saberes pedagógicos, sustentando essa prática, devem ser construídos a partir das necessidades impostas pelo real. Refletir sobre esse real, que é composto e mutável, permitirá superar a fragmentação dos saberes da docência, podendo os formadores vislumbrarem esses saberes como uma

teia, articulada por um objetivo maior, que é a formação docente, permeada pelos saberes, tendo como ponto de partida o cotidiano, sustentando a reflexividade no passado para o presente.

Como diz Pimenta (2000, p. 25) "[...] considerar a prática social como ponto de chegada, possibilitará ressignificação dos saberes na formação de professores [...]".

Perrenoud (2000) salienta que o papel da formação é duplo, pois, ao mesmo tempo em que se familiariza com os saberes científicos, iniciação a uma prática reflexiva, a uma reflexão na ação, que permite aceitar e analisar a ambigüidade e a complexidade dos fenômenos da sala de aula. Em suma: tanto aqui como em outros registros, trata-se de avançar, rumo a uma crescente profissionalização do ofício de professor(a), de destacar suas competências, de identificação profissional e resolução de problemas a partir da questão do conhecimento que abrange, inclusive, a compreensão e prática em valores éticos.

A especificidade da formação pedagógica, tanto a inicial como a continuada, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz numa base real ativa. Então, o trabalho docente é um processo a ser desenvolvido nas sociedades humanas, com o objetivo de proporcionar crescimento aos indivíduos, para assumirem papéis na vida coletiva, onde o conhecimento, a compreensão e o poder ocorram simultaneamente, que estes possam refletir uma boa formação profissional.

1.3 Formação docente e uma prática em valores éticos

Quanto mais me dou à experiência de lidar sem
medo, sem preconceito,
com as diferenças, tanto melhor me conheço e
construo meu perfil.

Paulo Freire

A formação de professores(as), na tendência reflexiva, envolve uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional, ou seja, dos professores(as) e instituições escolares. Valorizar o trabalho docente implica uma formação ligada a condições de trabalho, salário, jornada, gestão, currículo, assim, ser professor(a) depende de uma dimensão pessoal, cultural, política, institucional entre outras.

É necessária uma ressignificação identitária dos professores(as), pois se trabalha o conhecimento em uma sociedade globalizada, multicultural. Assim, a formação do professor(a) representa um grande desafio, que é exigido permanentemente para se ter práticas em valores éticos, devido às constantes transformações que passa a sociedade.

De acordo com Ramalho (2001), a formação é entendida como processo permanente de aquisição, estruturação e reestruturação de condutas, conhecimentos, habilidades, valores, intrínsecos ao desenvolvimento de competências para o desempenho de uma determinada função profissional.

Isso justifica a importância da formação docente, pois o trabalho docente é mediador no processo de construção de uma postura cidadã dos alunos(as). Os docentes precisam de uma formação social, que deve ter por base os diversos saberes existentes para se trabalhar de forma estável e, assim, evitar “o ofício sem saberes e os saberes sem ofício”,

conforme afirma Gauthier (1998). É fundamental que as práticas tenham realmente um significado, pois estas são frutos do tipo de formação que se teve, primeiro humanista-conteudista e, hoje, com predomínio dos valores economicistas.

Também se pode evitar esta situação de ofício sem saberes, se ocorrer aproximação do docente e da produção científica. Para que estas produções sirvam de suporte para o trabalho docente e que este seja um suporte para reflexão e ação ao mesmo tempo.

Sabe-se que a base para o processo formativo muda de acordo com o tempo e o espaço. Torna-se difícil falar de formação docente sem relacioná-la aos saberes necessários para exercer a prática. A formação docente, hoje, exige uma formação integral do profissional, ou seja, deve ter capacidade de mobilizar aspectos cognitivos e ações afetivas, ou as dimensões técnica e política. Requer, portanto, um preparo do professor(a), desde a formação inicial, para se criarem ambientes de análises das práticas, ambientes de partilha e reflexões sobre os saberes estabelecidos pelas pesquisas, que são necessários, mas não suficientes para que a prática seja permeada de valores éticos.

Os saberes docentes são considerados saberes plurais, segundo Tardif (2002), pois integram os saberes profissionais, disciplinares, curriculares e da experiência, ou poderiam ser denominados por Gauthier, (1998), como saberes das ciências da educação, da tradição e ação pedagógica. Em quaisquer das nomenclaturas utilizadas, todos os saberes são importantes para a formação docente, desde que sejam internalizados, produzidos pelos docentes para que possam fazer a transposição dos conhecimentos, com domínio e significados para os alunos(as). Caso contrário, tornam-se saberes externos, apenas para serem aplicados. Gusdorf (apud Enricone, 1992, p. 89) afirma que o que se espera de um professor(a) é que ele ou ela não se limite a se

apresentar como homem ou mulher de um determinado saber, mas como testemunho e afirmador de valores.

Dentro de uma perspectiva de reflexão do trabalho docente para a reconstrução social, a formação docente deve estar embasada em valores éticos e saberes, que permitam uma emancipação do sujeito através de seu posicionamento. Para manter esta postura é importante enfatizar como cada saber que integra a formação docente deve contribuir para uma atuação no contexto social.

Inicialmente, o saber-ser, saber oriundo da história de vida, é pessoal e deve ser impregnado de uma cultura com clara orientação política, uma visão humanista, de segurança na profissão escolhida e definição das reais funções que deve desenvolver. Este saber-ser seria a formação inicial a que Pimenta (2000) se refere.

Para ingressar na profissão-docente tem-se o saber da profissão, adquirido nos cursos de formação acadêmica. São, sem dúvida, importantíssimos, desde que sejam repensadas as maneiras de como se dá essa formação, ao que parece, ainda hoje transmitida de forma conteudista, com memorização. É necessário superar esta racionalidade técnica, que relaciona o professor ou professora somente ao saber “científico” da disciplina específica, sem a relação com os outros saberes, também fundamentais para uma formação inicial mais consistente.

Assim, quando se fala em formação docente, os saberes acadêmicos devem estar voltados para a realidade de sala de aula, à metodologia, como poderiam ser trabalhados com os alunos(as) e, até mesmo, questionar algumas metodologias aplicadas nos cursos de formação, nas universidades.

Todo profissional, para ser reconhecido em sua prática e sentir-se realizado no que faz, precisa ter a valorização que merece, dentro do contexto no qual se encontra. Refiro-me à docência, quanto ao acesso à

formação continuada. Cabe questionar se há comprometimento quanto ao oferecimento de qualificação nas instituições de atuação destes profissionais, pois, com preparo, os docentes podem contribuir, de uma forma mais efetiva, para a formação cidadã de seus alunos(as).

Hoje, ensinar numa prática em valores, volta-se para uma formação cidadã, crítica e ética, fazendo com que se repense um velho ditado “faça o que eu digo e não faça o que eu faço”, como afirma Bicudo (1982, p. 87). Acredita-se que o “dizer” é mais fácil do que o “fazer”. Muitas vezes, faz-se coisas necessárias a um contexto, sem que realmente se acredite neles. É preciso ensinar, também, com exemplos, com bom senso e comprometimento, respeitando a autonomia dos alunos(as) e seus saberes cotidianos, aproveitando estes para fundamentar ou contextualizar os saberes da disciplina. Quando ocorrer essa interação de saberes, acredita-se que esteja presente a característica do “bom professor(a)”, pois, na realidade brasileira, é a transmissão cultural dos conteúdos e a assimilação pelos alunos(as) que elege o bom docente. É verdadeiro que, para esse processo ocorrer, o docente deve “dominar” os saberes específicos. Entretanto, sabemos que somente isso não basta. É preciso, também, adequá-los ao nível da turma e ao contexto em que se encontra a escola, para, desta maneira, desenvolver uma educação em valores éticos.

Muitos fatores extra-escolares interferem no trabalho docente. Exemplo disso são saberes provenientes dos programas escolares e livros didáticos, realidade em nossas escolas. Outro exemplo é a necessidade de atualização constante do docente, não só em conteúdos, porque estes se encontram listados em provões e vestibulares, mas uma atualização que tem a ver com uma visão ampla dos fenômenos sociais e políticos, o que permite mais autonomia na ordenação e segurança nas propostas de mudanças necessárias, ou seja, permite certa autonomia à prática docente.

A socialização profissional poderá dar origem ao saber da experiência, considerado, atualmente, como um novo saber profissional. No entanto, é fundamental uma formação contínua do docente, para que a sua prática sirva de exemplos para a formação pedagógica da classe profissional e para as constantes reflexões em suas ações. Essa concepção vai ao encontro das idéias de Freire (1998, p. 52), para o qual “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

O docente, nessa perspectiva, deve estar ciente de seu papel como um ser mediador da cultura, no papel de ensinar o caminho para a busca de uma prática cidadã, fundamentada na formação de uma identidade profissional, nos valores éticos e na competência desses saberes considerados plurais.

Nesta concepção de educação cidadã, portanto, com mais autonomia, deixa-se de lado o fato de que o professor(a) é o que sabe e deve transmitir, e que os saberes são fatos teóricos e prontos. Volta-se para uma articulação dos conhecimentos na prática com os saberes escolares, exigindo do professor(a) a capacidade de individualizar sua ação pedagógica. Nesse contexto, o professor(a) permite ser surpreendido pelo que o aluno(a) faz.

Para isso, o professor(a) precisa acompanhar as mudanças sociais, pois, hoje, a velocidade que caracteriza o avanço técnico é muito grande e não apresenta a mesma velocidade que marca a formação continuada dos docentes. A revolução da informática na genética, robótica e nos meios de comunicação de massa, exige a descoberta e reestima dos valores éticos nas relações sociais. Para que o professor(a) possa sentir-se um cidadão, ele precisa fazer parte deste mundo informatizado, incluir-se, neste ciberespaço, bem como os alunos(as) que necessitam desse novo espaço para ampliarem o leque de produção científica, ou se informarem dos “saberes” que estão sendo desenvolvidos.

A diversidade cultural e a pluralidade tecnológica são responsáveis por novos espaços do conhecimento, portanto as respostas devem ser ágeis e com mais sentido para o aluno(a) e para a vivência neste mundo competitivo. Isso só é possível em um trabalho docente aberto para a realidade. Os professores(as) precisam assumir responsabilmente a tarefa de educar em valores éticos, pois o excesso irracional de informações, sem contexto, sem entendimento, associados a práticas sem vida nova, faz repensar o ofício do professor(a).

Nesse sentido, o compromisso político-pedagógico e os conteúdos devem ser contextualizados. Não basta apenas a vontade política dos professores(as) e a competência técnica. É preciso ter possibilidades de formação continuada, para ter oportunidades de reflexão sobre a ação, de fazer com que os conteúdos deixem de ser listagem de um programa, embora continuem a ser atendidos. E é nesse momento que se inclui o papel da instituição, na qual o professor(a) está inserido.

Os acontecimentos científicos e tecnológicos, políticos e econômicos, que mobilizam a sociedade, devem ser trazidos para debate, a fim de possibilitar uma formação política e uma visão de mundo diferenciada.

A escola democrática é radicalizada na promoção e formação do aluno(a), ou seja, num espaço onde se tenha capacidade para usufruir e partilhar, cultural e materialmente, da sociedade, uma vez que o homem só é plenamente cidadão se tiver acesso aos bens materiais necessários para a sustentação de sua existência social.

As escolas são locais que instituem elos para convivência com culturas, idéias, ações diferentes entre pessoas sem vínculos de parentescos ou amizade, mas unidos pelo mesmo objetivo, que é uma busca de crescimento e maior qualificação para o mundo competitivo do trabalho e, nesse contexto, são evidenciados, atualmente, desafios modernos rumo a uma educação de um novo milênio, que requer um

novo perfil de professor(a), nova identidade, como também novas competências e novos saberes. A identidade do ser professor(a) não é imutável, pois ela se constrói a partir da significação social da profissão, do confronto entre a teoria e a prática, dialeticamente, da análise sistemática das práticas, à luz das teorias existentes, da construção do novo.

Cada vez mais se depara com situações novas, no contexto escolar, que exigem novas competências e habilidades. O diferente faz parte do contexto escolar, o "singular" está inserido no dia-a-dia, sendo necessária a aprendizagem de novas competências que formam a especificidade do ser professor(a).

Construir novas competências tornou-se fator fundamental, pois, ser professor(a) requer destes flexibilidade e criatividade para compreender o sistema educacional que está se constituindo e refletir na prática docente esta formação. Define-se como competência, segundo Perrenoud (2000), a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos, como saberes, habilidades e informações, para solucionar, com pertinência e eficácia, uma série de situações ligadas a contextos culturais, profissionais e sociais. No ensino, o educador ou educadora deve procurar meios para que o educando(a) se interesse pelo saber, não como algo em si mesmo, como competência profissional, mas como "ferramentas" para compreender o mundo e agir sobre ele, uma visão de competência humana.

Os cursos de Licenciatura são questionados também por Perrenoud (2001), se estes com seus saberes, estariam, atualmente, formando competências em seus (suas) alunos(as) que lhes permitissem entender, antecipar e avaliar, nesta sociedade que, hoje, é mutante e complexa? Estariam os docentes dos cursos de Licenciatura preparando seus alunos(as) para enfrentar a "complexidade de todos os dias do ofício de ser professor(a)?" Para ele, a complexidade está na base, é a essência

das coisas, é feita da irrupção dessas essências (antagonismo) e, para dominá-las, deve-se pensar essas contradições de forma conjunta.

Para o enfrentamento dessa complexidade e para "domesticá-la", torna-se necessário o reconhecimento de que as competências fazem parte da relação com o mundo, de todas as suas representações e de como estas podem interferir no contexto que estão inseridas, ou seja, que ferramentas se pode utilizar.

O tipo de formação que o professor(a) possui permite-lhes enfrentar a complexidade social, bem como as suas próprias contradições. Trabalhar com competências vai além do entendimento de que seja apenas memorizar um determinado conhecimento, mas é um conjunto de recursos que se mobiliza para agir, pois não são apenas saberes, mas suscitam estudos juntos a eles.

É importante ter claro, que só os saberes apresentados pelos formadores dos cursos de formação não possibilitam a construção de competências, mas que o importante é a "[...] teorização da prática, de articulação e fecundação mútua dos saberes eruditos e dos outros, de reconhecimento e explicitação dos esquemas de pensamento e de ação sob a forma de saberes procedimentais ou de procedimentos de formação [...]", como apresenta Perrenoud (2001 p. 136).

Os saberes devem fundamentar as práticas docentes em valores éticos, que eles sejam a mola mestra entre a competência e a ação, que possam apontar o que fazer para tratar a complexidade do cotidiano.

Portanto, apesar de se viver em uma sociedade complexa e excludente, o trabalho docente crítico, responsável e comprometido com as mudanças sociais, permeados de valores éticos e consolidado de saberes, pode orientar o cidadão a usufruir melhor o espaço no qual está inserido. Entretanto, para isso, é necessário que a sociedade esteja

voltada para a edificação cidadã. Nessa sociedade, a escola constitui-se num espaço propício para essa construção.

Assim, é necessária, para os docentes, uma formação cidadã, para que possam ser reconhecidos na sociedade. É indispensável repensar o acesso e os enfoques dos saberes que constituem a docência, como os profissionais, disciplinares, curriculares e o da experiência, pois se sabe que, de acordo com o conhecimento que o homem possui, são as suas exigências ou inquietações para uma prática cidadã.

Essas observações cabem tanto para os alunos(as), quanto para os docentes, com características de uma atuação em uma cultura democrática, pois não é o acomodar-se que não permite o crescimento do homem ou da mulher como um cidadão, mas sim as situações diferenciadas que se encontram inseridas neste espaço dito humanizado.

1.4 A escola, o docente e a prática cidadã

Sinto-me seguro porque não há
razão para me envergonhar por
desconhecer algo.

Paulo Freire

A escola, através da prática docente, tem como função fixar marcos de referências que permitirão a cada um escolher e construir sua identidade.

A ação docente vai, desde a construção adequada e responsável do conhecimento, e a habilidade necessária para se adequar ao tempo e ao contexto em que ocorrem as relações. O conhecimento é um dos

principais saberes da ação do trabalho docente, que conduz ao caminho para a formação do sujeito-cidadão.

Essa atividade docente, de construção do conhecimento, exige certa autonomia do professor(a) em seu trabalho cotidiano, permitindo-lhe enfrentar os desafios do ensino-aprendizagem nessa sociedade globalizada, de consumo e de informações, altamente competitiva num mercado mais aberto e "democrático".

Buscar autonomia, nesse contexto, como afirmam Pereira & Siqueira (1998), refere-se às múltiplas capacidades do indivíduo em representar, tanto no espaço público, como no cotidiano, sua forma de viver, seus valores culturais, buscando a desalienação da forma de ser, sentir e agir. Sabe-se que é uma tarefa complexa, cheia de incertezas e, portanto, torna necessária uma formação docente adequada e de grande importância em âmbito social.

O trabalho docente é uma prática social, conforme Pimenta (2000), pois se faz no cotidiano dos sujeitos envolvidos com seus interesses, motivações e graus de necessidades. Nessa ação, é fundamental o diálogo, a aprendizagem em grupo e o desenvolvimento da auto-estima, fatores que caracterizam uma educação em valores éticos, uma prática cidadã.

A prática docente, nessa perspectiva, deve formar uma rede de aproximação entre a família, a escola e a comunidade, e desenvolver, também, uma das mais importantes competências que é a de aprender a viver coletivamente, o que se constitui no elemento integrador entre os pilares da educação, citados no relatório de Delors (1998), como "aprender a conhecer", a "fazer" e a "ser". Assim, o trabalho do professor(a) será bastante complexo e comprometido, como a função da escola integrará esse contexto.

A escola, como um dos espaços do trabalho docente, deve minimizar a exclusão social, preparar o cidadão para superá-la e, de forma alguma, aliar-se a ela. Entende-se que aqui aparece a oportunidade de o sujeito-professor(a) exercer o seu papel, ou seja, atuar de forma que, com seus valores, saberes e sua orientação, possa desenvolver uma atitude reflexiva junto aos seus colegas e, a partir dessa, com os alunos(as) e a comunidade, para buscar algo diferente do que já está concebido como pronto, acabado.

Apesar de Saviani (2001) afirmar que a educação não gera a ética e não institui a cidadania, ela é um instrumento, um meio de o homem apropriar-se da cultura, ou seja, da produção humana historicamente acumulada. Assim, espera-se que os docentes possam instituir sua cultura de acordo com sua ação, realizar um trabalho reflexivo, de aquisição de saberes e de formação de elos com o contexto no qual estão inseridos, conscientes de seus atos diante dos outros e da sociedade.

Toda reflexão na ação, como sugere Perrenoud (2002), é uma possibilidade de compará-la, de se fazer um balanço e compreender o que deu ou não deu certo na prática docente, e esta reflexão renova-se constantemente e é dessa maneira que a prática dos professores(as) poderá ter uma contribuição social para a formação dos jovens, nesta sociedade da informação, em que um grande número de imagens é manipulado, em que há rupturas de referências, critérios e valores. Para tanto, é necessário colocar vida nova nas práticas de sala de aula, é preciso gerar, conforme Antônio (2002), reencantamentos, descobrir e recriar significados. É necessário tornar o aluno(a) sujeito das palavras e das idéias discutidas no espaço escolar.

Assim, o trabalho docente, fruto da interação do cognitivo e do afetivo, dará mais suporte aos alunos(as), para conviver com as incertezas, as mudanças constantes e, dessa forma, obter maior

reconhecimento do trabalho, tornando o professor(a), também, um profissional cidadão.

O professor-cidadão será aquele ou aquela que, pelas oportunidades conquistadas para sua formação contínua, consegue fazer de sua prática um trabalho ligado à realidade, crítico e mais respeitado na sociedade. Apesar de serem utópicas essas características se voltarmos a análise para os salários e condições gerais das práticas docentes.

O conceito de trabalho docente formou-se a partir daquilo que compõe o trabalho humano, pela relação entre seus objetos e funções. O trabalho humano é constituído pelo homem, meios de produção, os seus instrumentos são as máquinas e o objetivo é o lucro. No trabalho docente, o “objeto” é o aluno(a), e os saberes escolares e pedagógicos são os instrumentos.

Nota-se que os elementos do trabalho docente são ricos e complexos. Como afirma Pimenta (2000), exige-se uma grande qualificação profissional para exercer esta função, complexa pelas exigências dos conhecimentos sociais, culturais e profissionais.

O trabalho docente é elemento do processo de construção importante para a conquista profissional, pois é através dele que o professor(a) recebe a parcela a que tem direito nas relações sociais, o seu salário, tornando um pouco mais real a sua condição de cidadão. Todo trabalhador é proprietário da sua força de trabalho, seja ela intelectual, como o trabalho docente, ou físico como um trabalhador braçal.

A docência passa a ser vista como trabalho a partir de sua profissionalização, que ainda apresenta uma série de limitações sociais, econômicas, políticas e culturais. Os professores(as) precisam voltar-se para racionalidade prática, definir metas a serem alcançadas, que de acordo com Serrano (2002), têm-se como princípios básicos, o diálogo,

aprendizagem em grupo, o desenvolvimento da auto-estima, de ter atitudes democráticas, no sentido de compreender e tentar buscar soluções para os problemas levantados ou discuti-los.

Felizmente, o trabalho docente e a função da escola têm sido repensados, adquirindo o conceito de que não têm apenas a função de transmitir conhecimentos, mas também a função de socialização, aprender a viver com os outros, a respeitar, compartilhar, ser tolerante, ser cidadão.

2 METODOLOGIA

O simples fato de que a mensagem talvez nunca seja recebida, não significa que não valha a pena ser enviada.

Segaki

2.1 Enfoque metodológico

A abordagem metodológica preocupa-se em aplicar meios, a fim de que se consiga estabelecer as diretrizes da investigação, ou seja, é a trajetória que todo pesquisador precisa trilhar. Daí a necessidade de se buscar uma metodologia que, enquanto processo, nos auxilie a refletir sobre a realidade investigada que, no caso deste estudo é a disseminação de valores éticos no Ensino Médio e Profissional da Escola Estadual São Vicente.

Os estudos no campo da educação são de natureza descritiva e, por essa razão, exigem do pesquisador(a) uma série de informações sobre o que se deseja investigar e, também, uma análise da realidade, com o objetivo de conhecê-la e, a partir disso, posicionar-se.

Para responder às indagações e atender os objetivos da investigação foi desenvolvida esta pesquisa exploratório–descritiva, que, de acordo com Gil (1999), tem por meta levantar as opiniões, visões e atitudes de um grupo em foco e ir além da simples identificação das relações entre as variáveis.

A análise da prática docente em valores éticos, na ótica dos professores(as) e alunos(as), buscou identificar os valores mais evidentes na ação educativa, bem como as dificuldades e as maneiras de disseminar valores éticos na construção social do conhecimento.

O trabalho procurou determinar a natureza dessas relações, através de levantamento realizado com entrevistas semi-estruturadas e questionários como instrumentos de produção de informações.

Essa forma de pesquisa aproxima-se da abordagem qualitativa que, segundo Richardson (1999), traz uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados. Assim, este trabalho buscou estudar as relações entre os aspectos do contexto real, social, econômico, político e cultural, geradores da temática de pesquisa sobre a prática docente e os valores éticos no convívio escolar.

2.2 Sujeitos da pesquisa

Esta investigação foi desenvolvida junto aos professores(as) e alunos(as) do Ensino Médio e Profissional da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, com o objetivo de investigar quais os valores éticos que estão permeados na prática docente, bem como as dificuldades e maneiras da inserção de outros valores éticos na prática docente, numa perspectiva de educação cidadã.

A participação dos sujeitos da pesquisa ocorreu de forma espontânea, livre, contemplando os professores(as) que estavam em ativo trabalho perante os alunos(as), nos turnos da manhã e da noite, momento em que os sujeitos exerciam suas atividades profissionais e com os alunos(as) do Ensino Médio e Profissional.

O grupo de professores(as) que, efetivamente, participou da investigação, representou um percentual de 50% em relação ao total de docentes do Ensino Médio e Profissional da Escola, ou seja, dezesseis (16) entrevistados, abrangendo as seguintes formações: Letras - Licenciatura Plena, habilitações em Inglês, Espanhol e Literatura Brasileira (05), Química (01), Matemática (01), Administração (01), Odontologia (01), Direito (02), Pedagogia (02), Geografia (02), Biologia (01).

O montante de alunos(as) que participou dos trabalhos representou 47% das turmas do Ensino Médio e Profissional, ou seja, oito (8) turmas da instituição, entre elas: 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio e 1ª e 2ª etapas do Ensino Profissionalizante.

Os depoimentos contribuíram sobremaneira para o enriquecimento das discussões que se realizaram em torno do tema, o qual está, também, contemplado, no projeto político-pedagógico da instituição, que evidencia a preocupação com a formação em valores éticos e o preparo para a convivência social, pois, no espaço das relações cotidianas estão presentes alguns contra-valores como o desrespeito, a agressividade, os diferentes preconceitos, entre outros, que são pontos geradores ou pretextos para a violência e depõem contra uma formação em valores éticos.

Justifica-se a opção pelo Ensino Médio e Profissional devido ao reduzido número de pesquisas relacionadas à temática proposta, voltada para esse nível de ensino. Observa-se que elas concentram mais as investigações da educação em valores no Ensino Fundamental e Pré-Escolar. Além disso, essa realidade assemelha-se à da escola em que atuo e abrange alunos(as) cuja faixa etária caracteriza-se pela busca de afirmação, de convivência com adultos e de um contato mais efetivo com o mercado de trabalho.

As relações de trabalho, no Brasil, mudaram e surpreenderam o Ensino Médio em profunda crise de identidade. Este nível de ensino nasceu vinculado ao Ensino Superior, como um afluente que servia para conduzir seus poucos navegantes até a faculdade, com caráter preparatório. Uma das alternativas era o ensino profissional, voltado para os menos favorecidos economicamente, um pequeno córrego do qual fazem parte as escolas técnicas federais e o sistema S (Senar, Senai e Senac).

Até 1931, quando o Ensino Médio passou a ter existência formal autônoma, ele não era sequer condição necessária para ingresso numa faculdade. Na época, fazia-se um curso preparatório em casa. Em 1971, isso mudou e houve, então, a imposição da profissionalização obrigatória.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, editada em 1996, começou a pôr fim neste caráter dualista. O Ensino Médio deixou de ser um apêndice do curso superior e juntou-se ao Ensino Fundamental e Educação Infantil para formar a Educação Básica. A partir de 1998, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, cada escola teve que construir o seu plano político-pedagógico e o currículo, propriamente dito.

Nos últimos anos, a busca pelo Ensino Médio noturno praticamente restringe-se a alunos(as) que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo, com um projeto de vida bem mais complexo do que aquele protegido pela família. São donos de uma autonomia conquistada a duras penas, possuem relações de trabalho, familiares e sociais diferenciadas, por isso não querem nem pensar em falhar nos estudos novamente. Na verdade, estes jovens conhecem, na prática, a noção de competência, sabem que precisam exercitar habilidades para manterem seus postos no mundo do trabalho.

Competência, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é dominar a língua, compreender fenômenos, tomar decisões, construir

argumentos e, principalmente, intervir na realidade. Este é o verdadeiro exercício da cidadania.

A formação profissional no Brasil teve um caráter assistencialista, marca de toda sua história. O primeiro esforço para o profissionalismo data de 1809, quando se criou o Colégio das Fábricas, e em 1816 a Escola de Belas Artes, com o propósito de articular o ensino das ciências e do desenho para os ofícios mecânicos. Bem depois, em 1861, através de Decreto Real, foi organizado o Instituto Comercial do Rio de Janeiro. A partir da década de 40 do século XIX, foram construídas dez casas de Educandos e Artífices, sendo a primeira delas em Belém do Pará, com o objetivo de atender menores abandonados e, com isso, diminuir a criminalidade e a desocupação. Posteriormente, com o Decreto Imperial de 1854, criava-se estabelecimentos especiais para menores abandonados, chamados Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos, que eram alfabetizados e encaminhados para oficinas públicas e particulares, fiscalizados pelo juizado de órfãos.

No início do século XX, o ensino profissional continuou mantendo o traço assistencial do período anterior, voltado para os menos favorecidos socialmente e os abandonados.

Em 1906, o ensino profissional passou a ser atribuição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, consolidando uma política de incentivo ao desenvolvimento do ensino nessas áreas. Em 1910, instalou-se dezenove Escolas de Aprendizes Artífices, voltadas basicamente para o ensino industrial, custeado pelos Estados. No mesmo ano, foi reorganizado o ensino agrícola no País para formar chefes de cultura, administradores e capatazes. Foram, ainda, instaladas várias escolas-oficinas, destinadas à formação profissional de ferroviários.

Na década de 20, a Câmara dos Deputados promoveu debates sobre o ensino profissional, expandindo a todos, ricos e pobres, e não apenas aos desfavorecidos, o direito a este tipo de formação.

Em 1931, foi criado o Conselho Nacional de Educação. No ano de 1942, com a reforma educacional através de decretos federais, começaram a ser estruturados cursos voltados à profissionalização.

Na década de 60, uma série de experimentos educacionais orientados para a profissionalização de jovens foi implantada, como o GOT e o PREMEN.

Após esta modalidade de ensino passar por problemas como carga horária não apropriada, falsa imagem de profissionalização para a empregabilidade, sem respaldo do interesses das demandas reais da sociedade, a educação profissional deixou de ser responsabilidade das instituições especializadas e recaiu para o sistema público estadual, o qual não teve o apoio necessário para oferecer um ensino profissional de qualidade, compatível com as exigências de desenvolvimento do país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/96, dispõe que a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação ao trabalho, à ciência e à tecnologia possa conduzir diferentes aptidões para a vida produtiva. Após a conclusão do Ensino Médio, última etapa da formação geral básica, é oportunizada a formação profissional, a qual poderá ocorrer em nível básico, técnico e tecnológico. A diferença entre estes níveis reside nas exigências de pré-requisitos, tipos de competências, currículos e carga horária.

Esses elementos irão definir o perfil de qualificação das pessoas, o nível de competência e o campo de atuação de cada profissional.

O melhor antídoto é despertar para a solidariedade, por meio de ações concretas na realidade. Mas não basta agir. É fundamental tomar consciência do papel que cada um pode e deve ter na transformação do mundo. Para ter sentido concreto, esta competência deve dominar as outras. A soma faz com que o estudante fique preparado para agir.

Com base nesse enfoque, no Ensino Médio e Profissional, apreciei aspectos da vida e do trabalho docente em relação à disseminação de valores éticos em suas práticas, porque esses, como todos os grupos humanos, têm seus próprios valores, que podem ser diferentes dos de qualquer outra pessoa. Alguns são indispensáveis na prática docente e para uma convivência humana aceitável, como o respeito, a tolerância, a lealdade, transparência, diálogo, honestidade, sinceridade, cooperação e solidariedade.

2.3 Local da coleta de informações

O universo da pesquisa foi composto pelo grupo de docentes e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, que se situa, na sede do município de São Vicente do Sul, região Centro-Oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa Escola deve sua existência a vários movimentos iniciados em 1957, por pessoas da terra, ligadas e preocupadas com a educação. Em 05 de abril de 1957, a idéia foi lançada durante reunião presidida pelo Sr. Eurico Carvalho e pelo professor Francisco Pillar, Vice-Prefeito municipal na época.

A Escola foi criada em 19 de novembro de 1958, pelo Decreto n. 04/58. No decorrer de sua história, a Escola sofreu várias transformações e alterações de denominação.

A primeira denominação foi “Ginásio São Vicente”, quando ainda era uma escola particular, conforme o Decreto acima mencionado. Em 18 de julho de 1962, pelo Decreto Legislativo n. 1637, publicado no Diário Oficial do Estado, mediante aprovação do Convênio entre o Estado do Rio Grande do Sul e a Associação Pró-Desenvolvimento de General Vargas,

o Estado encampou o Ginásio São Vicente, sendo este transformado em “Colégio Estadual São Vicente”, com a manutenção de cursos de 1º e 2º Ciclos. No final do ano letivo de 1962, a primeira turma concluiu o Curso Ginasial.

Em 18 de junho de 1975, pela Portaria n. 005741, com base no Parecer 48/75 do Conselho Estadual de Educação, foi autorizado o funcionamento das Habilitações de Técnico em Contabilidade e Auxiliar de Escritório.

No ano de 1979, pelo Decreto n. 28.999, de 02 de julho de 1979, foi desmembrado e reorganizado, de forma a funcionar como Escola Estadual de 2º Grau São Vicente e Unidade Estadual de Ensino São Vicente – 5ª a 8ª séries.

Em 01 de março de 1985, pela Portaria nº 4.148, foi autorizado também o funcionamento das 04 séries iniciais do 1º Grau, junto à Unidade Estadual de Ensino São Vicente – 5ª e 8ª séries, passando, então, à designação de Escola Estadual de 1º Grau São Vicente. No mesmo ano, pela Portaria nº 5.344, de 25 de março de 1985, publicada no Diário Oficial de 13 de março de 1985, a Escola foi reunificada e passou a designar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Vicente. Conforme Portaria n. 00111, da Secretaria de Estado da Educação, publicada no Diário Oficial em 20 de abril de 2000, passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente.

A escola possui, atualmente, sessenta e quatro professores(as). Desses, trinta e dois atuam no Ensino Médio e Profissional e onze funcionários. O número de alunos(as) é de, aproximadamente, mil trezentos e setenta, provenientes de comunidades rurais do município, comunidade urbana, além de alunos(as) de municípios vizinhos. Atualmente, a escola oferece à comunidade local e regional o Ensino Fundamental, Médio, a Educação de Jovens e Adultos em ambos os níveis, além do Ensino Profissional - Técnico em Contabilidade.

Essa instituição traz em sua proposta pedagógica, como objetivo, formar um cidadão preparado para acompanhar as mudanças mundiais, para atuar de forma consciente, responsável e democrática, com autonomia intelectual, pensamento crítico e capacidade de continuar aprendendo. Nota-se que a escola é um espaço aberto a práticas docentes disseminadoras de valores éticos, pois educar para compreensão de mundo, não abrange só inteligibilidade pela explicação, como afirma Morin (2001), mas a compreensão humana, o sentido das palavras e as diferentes visões de mundo.

2.4 Instrumentos da pesquisa

A pesquisa qualitativa se caracteriza por multimetodologia, ou seja, pelo uso de mais de um instrumento de produção de informações e, também, pela sua flexibilidade. Assim, no planejamento metodológico podem ocorrer alterações no transcorrer das investigações.

Dentro dessa abordagem qualitativa, realizei, num primeiro momento, uma revisão de literatura, para embasar, relacionar, analisar e interpretar as contribuições teórico-científicas existentes sobre a temática proposta. Posteriormente, passei a utilizar técnicas de produção de informações, como questionários e entrevistas semi-estruturadas.

Para tanto, foram utilizados questionários, que se constituem em uma importante técnica disponível para a obtenção de dados e complementada com a realização de entrevista.

Esses instrumentos utilizados objetivaram coletar informações sobre as práticas docentes, opiniões, valores, interesses, expectativas dos professores(as) e alunos(as) envolvidos na investigação. O uso desses

instrumentos se adaptou ao presente estudo, porque permitiram trabalhar com um grande número de pessoas e obter muitas informações, num curto espaço de tempo.

2.5 Procedimentos para coleta das informações

O objetivo da aplicação destes instrumentos foi de analisar, através da ótica dos professores(as) e alunos(as), a prática docente em valores éticos, quais são disseminados, possibilidades e limitações de se ter, efetivamente, uma prática fundamentada em valores éticos.

A partir da utilização deste recurso, foram selecionadas as respostas por categorias pré-estabelecidas, que são os valores éticos, prática docente e educação cidadã, considerando o interesse dos sujeitos em responder o questionário, bem como o grau de aprofundamento dos mesmos sobre a questão dos valores, já referida nas categorias de pesquisa.

Devido à dificuldade e à falta de conhecimento do assunto por parte dos sujeitos da pesquisa, os encontros foram assim organizados:

- 1- apresentação das questões direcionadas ao problema a ser investigado, para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa;
- 2- exposição do tema e apresentação do problema para os alunos(as), bem como a solicitação da produção de um posicionamento por escrito;
- 3- reunião em grupos dos alunos(as) (quatro a cinco), de acordo com a afinidade, discussões das questões e retirada das idéias predominantes da turma;

- 4- encontros informais com os professores(as). Nesses depoimentos, aplicação de questionário, em sua maioria com discussões individualizadas sobre as questões, os objetivos da investigação bem como a importância da participação dos mesmos;
- 5- encontro com um grupo de docentes, em que ocorreu debate e gravação coletiva, com exposição e aprofundamento sobre o tema “Prática Docente e a Disseminação de Valores Éticos no Ensino Médio e Profissional”.

As indagações do questionário nortearam as discussões desse encontro, as quais aconteceram em diferentes âmbitos: pequenos, médios e grandes grupos, que envolveram, respectivamente, 4 a 6, 8 a 10 e 10 a 15 entrevistados.

As respostas do questionário foram selecionadas e muitas delas aprofundadas na entrevista.

As entrevistas foram realizadas depois da aplicação do questionário, somente no grupo de profissionais, com auxílio de gravador e com base num roteiro previamente elaborado (anexo C) com tópicos sobre a prática docente em valores, os valores éticos mais evidentes, as dificuldades e as possibilidades de se trabalhar em valores éticos. O roteiro, desta entrevista, foi aprofundando conforme a necessidade em relação às respostas obtidas na aplicação dos questionários.

A entrevista coletiva foi gravada, possibilitando o aprofundamento das indagações do questionário e, logo após, a mesma foi transcrita. Por ser interativa, permitiu tratar o problema de forma bem complexa. Deu aos entrevistados a oportunidade de esclarecer dúvidas sobre a proposta da investigação e comentar sobre suas práticas e o desenvolvimento de valores éticos na construção do conhecimento, numa perspectiva de educação cidadã.

Sabe-se que a entrevista é uma das principais técnicas de obtenção de dados na pesquisa social, em que o investigador e o investigado interagem, formando uma atmosfera de influências recíprocas entre quem pergunta e quem responde, ou seja, quem busca coletar dados e quem se propõe a fornecê-los. A utilização desse instrumento, nesta investigação, objetivou a coleta de dados, mas também o diagnóstico e orientação, para as etapas posteriores.

A técnica da entrevista viabilizou, também, a obtenção de informações acerca das pessoas em relação aos seus saberes, crenças, esperanças, desejos, expectativas, projetos, justificativas e explicações. Essa técnica, por sua flexibilidade, permitiu maior esclarecimento das perguntas e obtenção de uma variedade de dados no aspecto da vida social. Constituiu-se em coleta de informações, em profundidade, sobre o comportamento humano e possibilitou maior aquisição de informações sobre os sujeitos, bem como, captar as expressões corporais, tom de voz e ênfase nas respostas. Tudo isso fornece informações que não estão nas palavras, mas que auxiliam na interpretação, na percepção do que há no contexto, mas que não é verbalizado.

O que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a “palavra”. Bakhtin (apud Minayo, 2000), considera a palavra como um fenômeno ideológico por excelência, assegura que é o modo mais legítimo e sensível de relação social. Assim, é pela palavra que os sujeitos, nesta pesquisa, puderam expor suas particularidades, seus anseios e seus valores na busca da construção social do conhecimento.

Segundo Minayo (2000), a entrevista pode ser classificada em estruturada, realizada através de questionários aplicados diretamente pelo pesquisador ou indiretamente, através de roteiros fechados escritos ou entrevista semi-estruturada, que inclui as histórias de vida e discussões de grupo. O caso desta investigação é entrevista semi-

estruturada com algumas discussões em grupo, permitindo maior interação dos sujeitos entre si e entre eles e a pesquisadora.

2.6 Período de produção das informações

Os questionários (anexos A e B), enviados aos sujeitos foram acompanhados de um comentário do porquê da pesquisa e de sua importância. O período da emissão dos questionários foi de 15 de outubro a 30 de outubro de 2003, para os docentes e alunos(as) do Ensino Médio e Profissional.

A realização e interpretação da pesquisa, como já registrado anteriormente, envolveu um universo de professores(as) e alunos(as) do Ensino Médio e Profissional. Os encontros para a coleta de dados ocorreram de acordo com a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa dentro da instituição, nos períodos livres ou disponíveis pelos professores(as), no recreio e encontro agendado para entrevista coletiva e individual com professores(as), durante a segunda quinzena de outubro e o mês de novembro do ano de 2003.

2.7 Tipo de análise

Nesta investigação foi realizada uma análise textual qualitativa, com caráter analítico, para identificar, através dos depoimentos, a visão dos sujeitos sobre a prática docente em valores, dando ênfase aos valores éticos e às dificuldades e facilidades de se trabalhar nesta perspectiva voltada para uma educação cidadã.

A análise interpretativa, num primeiro momento, foi individualizada para os profissionais e realizada em grupo, para os alunos(as). Num segundo momento, procurou-se agrupar as informações e realizar uma análise por segmentos. Essas indagações vieram ao encontro dos objetivos da pesquisa, bem como as categorias estabelecidas.

A análise de conteúdo, como sugere Lüdke (1986), é uma etapa importante que não deve se restringir ao que está explícito no material, mas desvelar mensagens implícitas, com dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados. Nesse mesmo sentido, Bardin (1977, p. 38) afirma que o pesquisador deve extrapolar o olhar imediato das aparências, para compreender as significações das mensagens, contidas no material coletado.

Com o uso dessas técnicas, buscou-se analisar a complexidade da prática docente, que não envolve somente questões objetivas da profissão, mas um olhar voltado, principalmente, para as questões subjetivas, ou seja, o envolvimento de valores éticos na prática docente, numa perspectiva de educação cidadã, cujos valores são gerados, na visão de Bicudo (1982), a partir das experiências vividas pelas pessoas, numa perspectiva.

Conhecer e analisar as informações coletadas não foi, com certeza, uma tarefa fácil, pois o depoimento de cada profissional entrevistado é único. Tentar generalizar conclusões é muito difícil. Entretanto, da análise das singularidades de cada relato, evidenciando sempre o aspecto qualitativo textual, foi possível identificar a visão de valores éticos que os profissionais e alunos(as) envolvidos vivenciam ou dão ênfase para a prática docente, além da identificação de dificuldades e limitações para se desenvolver uma prática permeada de valores éticos.

Os PCN propõem que todas as áreas do conhecimento sirvam de base para a formação de um cidadão. Hoje, exige-se um currículo em que o estudo das ciências e o enfoque humano sejam complementares e não

excludentes. Busca-se, portanto, integração entre ciência, humanismo e tecnologia.

A partir de tudo que foi explicitado acima e a partir da escolha dos instrumentos da coleta de dados, foi possível analisar as respostas dos sujeitos da pesquisa, de acordo com as categorias pré-definidas neste projeto, construindo, literalmente, um subsídio para o alcance das respostas que se busca.

2.8 Categorias de pesquisa

É necessária a revisão de alguns conceitos referentes ao estudo proposto, que promoveu uma certa base para auxiliar na fundamentação e interpretação da temática apresentada anteriormente. Para analisar as atividades, buscou-se o entendimento de alguns termos que são relevantes na pesquisa. Dentre eles destacam-se:

a) Valores

Na filosofia, busca-se um saber mais profundo e abrangente do homem e da natureza, que transcenda os conhecimentos concretos e oriente o comportamento diante da vida. É por isso que esta ciência pretende ser, também, uma busca e uma justificação racional dos princípios primeiros e universais, das coisas e dos valores, e uma reflexão sobre a origem e a validade das idéias e das concepções que o homem elabora sobre ele mesmo e sobre o que o cerca. Os valores, segundo Deleuze & Guattari (1992), seriam questionados também na condição de relações sociais entre meio influenciado por fatores econômicos, morais, emocionais entre outros.

O campo da ética e da moral é distinto. A ética pressupõe a busca e explicação em relação aos juízos valorativos definidos pela moral. A moral, por sua vez, implica em regras de ação e imperativos materializados em realidades históricas concretas, antecede a própria ética, é normativa e se manifesta nas diferentes sociedades.

Entretanto, a relação direta entre a ética e a moral contribui para que se tome uma pela outra, porque a ética parte de situações concretas e, conseqüentemente, da existência da própria moral e dos valores por ela determinados.

As relações sociais são condicionadas por estes valores. O homem atribui valoração a tudo o que o cerca, ou seja, no modo de as pessoas serem, agirem e no ambiente em que vivem. Dessa forma, todas as mudanças sócio-culturais, que ocorrem na sociedade, influenciam o processo educativo, tornando a escola um centro de absorção de crises valorativas. Nesse sentido, é importante o trabalho docente em alguns valores éticos, principalmente estar fundamentado no respeito, na tolerância, na lealdade, na transparência, no diálogo, na honestidade, na sinceridade, na cooperação, na compreensão que, de acordo com a identidade do grupo, são reavaliados ou substituídos por outros valores.

De acordo com Bicudo (1982), o que caracteriza a clarificação de valores é a visão de valor como algo inacabado, fruto das experiências vividas, que poderão nortear alguns comportamentos sociais. Essa autora considera básicos os aspectos para valorização, a liberdade de escolha, a apreciação, a estima e a ação.

Todo o professor(a) que escolher trabalhar com clarificação de valores éticos deve não só acrescentar novos valores ao conhecimento dos alunos(as), mas estimulá-los a esclarecer aqueles que já possuem. Assim, a educação em valores éticos, como afirma Serrano (2002), chama o docente a desempenhar um papel muito importante, voltado para as preocupações sociais. A escola também é um lugar em que os

jovens adquirem os saberes necessários para aprender a viver com os outros, a respeitar, compartilhar, ser tolerante, socializado. Isso é reafirmado por Heller (1992), quando registra que os valores se produzem em esferas heterogêneas e se desenvolvem de modo desigual, mas possuem objetividade social. Nota-se que a educação em valores éticos serve de suporte intelectual para uma formação e atuação cidadãs.

Ética, na visão de Rios (2000), é um valor que orienta o comportamento humano em relação aos outros homens, garantindo um estar social. A busca de valores éticos no espaço escolar significa enfrentar o desafio de instalar, na prática docente, uma constante atitude crítica, reflexiva, de reconhecer os limites e as possibilidades das pessoas e do contexto em que estão inseridas (Morin, 2001).

Devido às constantes transformações sociais, surgem questionamentos sobre a indefinição de valores, justificados pelas crises culturais e os problemas de uma nova realidade. Compreender o outro requer a consciência da complexidade humana. É nesse sentido que os valores éticos devem ser mediadores da prática docente, porque este trabalho não deve se limitar à exploração de conhecimentos. A ética não pode ser tratada como lições de moral, mas como um valor, fruto da ação dos homens.

A heterogeneidade humana resulta em ações diferenciadas e, portanto, o trabalho docente deve ser amplo a ponto de oportunizar, indiscriminadamente, a valorização das potencialidades individuais, porque, dentro do contexto escolar, está presente o multiculturalismo. A prática docente deve, portanto, exercitar a tolerância, promover vínculos com as diferenças entre as pessoas, buscar a compreensão sobre a forma como elas agem, antes de emitir juízos de valor e, dessa forma, trabalhar a cultura da paz. Essa, conforme Serrano (2002), refere-se à educação para a convivência voltada para a paz, como um dos principais valores da existência humana.

Para tanto, é necessária a transparência nas relações, é importante trilhar os caminhos da humanização e voltar-se para os valores da ética na convivência. A educação em valores éticos é permanente, como afirma Freire (1992), não porque as ideologias políticas ou os interesses econômicos exigem, mas porque o ser humano é inacabado. Por exemplo: a memória da humanidade é conservada nos arquivos da história, desde as suas origens em sociedade, as evoluções, o auge e decadência das civilizações, os feitos de personagens ilustres, os antecedentes de acontecimentos e situações contemporâneas e a trajetória do homem ao longo do tempo são temas que constituem uma parte fundamental da cultura individual e coletiva baseada ou alicerçada em valores que antecedem ao poder. Numa orientação pragmática, a história sempre se considerou portadora de valores éticos, políticos ou religiosos, fundamentais para a transmissão da ideologia social.

Teles (1996, p. 25) aborda objetivamente a questão da ética, no momento em que afirma que o homem é um ser ético por natureza, e que:

Quando falamos na ética como algo presente no homem, isto não quer dizer que ele já nasça com a consciência plena do que é bom ou mau: essa consciência ética existe, como a inteligência, em potencial, aguardando que seja desenvolvida mediante o relacionamento como meio social e o autodescobrimento. Aí sim, ele poderá, como lhe é próprio, pensar em termos de abstrações como a beleza, a bondade, a honestidade, a esperança e cultivar idéias de enobrecimento.

Para Nóvoa (1995), a prática docente com dimensão de valor implica um envolvimento de todos os que dela participam; não se trata de produção de “coisas”, mas de repensar e trabalhar ações permeadas de valores éticos. Muitas vezes, pelo imediatismo da relação professor-aluno, na sala de aula, isso não acontece, pois o professor(a), na prática cotidiana, esquece do compromisso com a ação, papel fundamental na

dimensão educativa. Na realidade, esta prática docente também é permeada de contra-valores, como a agressividade, o desrespeito, os preconceitos e a mentira, mesmo que a nossa consciência, enquanto educador profissional, nos direcione para uma prática de valoração.

b) Prática Docente

O professor(a) é visto como um exemplo a ser seguido, como um líder, um grande guia, portanto, ele(a) deve ser vigilante e sábio, para que as ações das crianças e jovens sejam tratadas e interpretadas com grande cuidado e de uma forma reverente. Por esta razão, entende-se que exercer o papel de professor(a) é atuar de forma orientadora, capaz de desenvolver atitudes reflexivas, buscando algo diferente do que já está concebido como pronto.

Nesse contexto, necessita-se, na educação, de trabalhos docentes diferenciados, em que se realizem práticas com dimensões éticas, em que os alunos(as), através delas, desenvolvam valores éticos. Salientamos, entretanto que, para isso, é importante a atualização contínua e o investimento na formação de professores(as), tendo em vista que a educação para valores não era, e talvez ainda não seja, a principal preocupação dos cursos de formação.

A formação de professores(as), na tendência reflexiva, envolve uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional, ou seja, dos professores(as) e instituições escolares. Valorizar o trabalho docente implica uma formação ligada a condições de trabalho, salários, jornada, gestão, currículo... Assim, ser professor(a) depende de uma dimensão pessoal, profissional, política, institucional entre outras.

Cria-se um conceito de trabalho docente a partir do trabalho e perfil humano, relacionando-os em seus objetos e funções. No trabalho

humano, as relações ocorrem entre o homem e os meios de produção, tendo como instrumentos, a máquina e os lucros. No trabalho docente, o “objeto” é o aluno(a), os saberes escolares e pedagógicos, sendo os saberes também instrumentos. Nota-se que os elementos do trabalho docente são ricos e complexos. São complexos pela relação dos conhecimentos escolares exigidos, que são sociais, culturais e profissionais, e ricos pela relação com os alunos(as). Todos eles representam um grande desafio e exigem uma grande qualificação profissional para exercer a função docente.

Sabe-se que o trabalho docente é resultado da evolução da divisão social do trabalho, quando houve a separação do trabalho manual do intelectual. Inicialmente, era um trabalho feminino, sem perspectiva de ascensão, mas importante para manter um certo *status* social. Para Pimenta (2000), o conceito de trabalho docente, no contexto da sociedade contemporânea capitalista, fundamenta-se em uma práxis em que a unidade teoria-prática se caracteriza pela ação-reflexão-ação. Pode também ser compreendido no contexto da organização escolar e no modo de produção capitalista, ou emerge, após estudos de sua gênese, de suas condições históricas.

A prática docente é histórica e social e não se constrói somente a partir do conhecimento científico, como se fosse uma aplicação tecnológica. É, sim, uma relação entre este e a ação de contextualizá-lo. Ensinar é uma prática social, porque reflete a cultura e o contexto em que estão inseridos professor(a) e aluno(a).

c) Educação cidadã

Segundo Gadotti (2000), uma escola cidadã possui como eixo norteador a educação integrada à cultura, a escola à comunidade. As relações de poder são democráticas e abordam as questões de repetência, avaliações e formação dos professores(as). Segundo sua visão, só é cidadão o homem e a mulher que participa, que toma decisões, portanto, com poder, liberdade e autonomia.

A cidadania se expressa como um conjunto de direitos que dão à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo, considerando-se aí, a questão da cidadania planetária, pois é uma categoria em permanente construção, num processo dinâmico em que as ações dos homens e das mulheres a nível nacional começam a manifestar-se no plano global.

Atualmente, a cidadania contém um grande potencial de transformação porque é justamente um terreno de disputa democrática entre a sociedade civil e o Estado. Não só com o Estado, mas dentro da própria sociedade civil, que obviamente tem traços conservadores e democráticos.

A expansão da cidadania sempre correspondeu, nacionalmente, a um movimento de cima para baixo e de baixo para cima – os direitos conquistados e os direitos outorgados, com as devidas diferenças que em ambos existem, mas para a cidadania planetária existem duas formas de construção: as iniciativas que são geradas de cima para baixo, nos organismos internacionais, as reuniões de populações etc., e as que vêm de baixo para cima, geradas pela pressão dos movimentos sociais que vão impondo a adoção de novos direitos à medida que os descobrem e os exercem. Isto gera uma aproximação de uma característica que vai ter uma importância fundamental na construção da cidadania planetária, que

é a dimensão objetiva e subjetiva: a dimensão objetiva é a dos direitos que de fato existem, que sempre são menos do que merecemos. A dimensão subjetiva refere-se à autopercepção dos cidadãos enquanto mercedores ou não de direitos. Esses aspectos da dimensão subjetiva de cidadania são a principal mola propulsora da formação de cidadanias globais.

Neste sentido, Vargas (2002) aponta que é imprescindível, em termos de cidadania planetária, buscar articular a reorganização do contexto planetário aos produtos econômicos, sociais e culturais e, em particular, a educação como um dos espaços que permite formar o cidadão global e local.

Nessa perspectiva, a educação deverá ter a função de despertar o cidadão para seus direitos e obrigações, e capacitá-lo para uma participação política consciente ou levá-los a adaptar-se às modificações do mundo produtivo. Este é o significado de uma educação cidadã, que se volta para a busca de direitos, tanto civis, como políticos e sociais.

A importância de o cidadão viver em um ambiente democrático, justo, sendo detentor de seus direitos e deveres, é fundamental. O problema é como ocorrem as relações de valores, aos quais educação e cidadania estão vinculadas.

A educação centrada na cidadania pode dar aos alunos(as) condição legal e reconhecida como membro de uma comunidade política, como portadores de direitos ou com condição desejável de reivindicar.

Uma escola voltada para o exercício da cidadania deve difundir os direitos civis, políticos e sociais, mas a ela não cabe o papel de assegurá-los e sim de impedir que a ignorância evite que sejam reivindicados ou praticados. Quando a concepção volta-se para uma ação social, uma prática desejável, a cidadania se constrói como um espaço de valores,

como a liberdade, autonomia e respeito que podem ser transmitidos aos indivíduos e por eles incorporados.

De acordo com Gentili (2000), cidadania é um processo construtivo, em que os valores e as práticas são definidos pelos grupos sociais, de acordo com o tempo e o espaço em que vivem. Portanto, fica claro que não existe um conceito padrão de cidadania para categorizar se alguém é mais ou menos cidadão que outro, numa mesma sociedade. Neste sentido, percebe-se que educação cidadã exige uma formação profissional e uma delimitação muito clara de que tipo de cidadania se busca, embasada em que valores.

3 REALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA

3.1 A prática docente em valores éticos, na ótica dos alunos(as) e professores(as) do ensino médio e profissional da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente

Este subcapítulo visa descrever os diferentes olhares na prática docente dentro do enfoque de valores éticos. Foram analisadas, interpretadas e discutidas as posições dos sujeitos envolvidos, quais sejam: alunos(as) e professores(as)

Sabe-se que a educação, voltada para o cultivo de valores éticos, identificados com o exercício da cidadania, não é simples proposta de renovação pedagógica. É um ideal que remete a pensadores como Morin, Gadotti, Serrano e outros. Educar em valores para cidadania é uma expressão, disseminada na educação brasileira, que corre o risco de tornar-se mais um dos jargões aqui existentes. Entretanto, exige-se mudanças de concepções arraigadas em nossa educação, pois esta ainda é privilégio de alguns, ou seja, não é vista como um valor social, e sim uma educação com enfoque de mercadoria, sendo assim, já evidencia ausência de alguns valores éticos.

A sociedade do conhecimento está fazendo do campo educacional mais uma fronteira de expansão do capital, cada dia que passa vem se transformando em um bem privado ou mercantil, ou seja, é moeda de troca entre os indivíduos, e entre estes e as organizações comerciais nacionais e transnacionais. A educação se fosse vista como valor social só poderia ter o objetivo de promover a igualdade, o crescimento intelectual humano e não o de estabelecer distinções sociais.

Assim, a educação em valores éticos, como afirma Serrano (2002), chama o docente a desempenhar um papel muito importante, voltado para as preocupações sociais, pois a existência humana só tem sentido pelos sentimentos, interesses, motivações e valores que se desenvolve. São inúmeras as relações sociais que ocorrem. Portanto, estão em jogo as culturas, a linguagem, os valores, as normas sociais, enfim, o contexto em que está inserido o ser humano e que interfere em sua formação.

Segundo Heller (1992), são três as dimensões que unificam as pessoas e essas devem permear a prática docente: o pensar, o sentir e o agir, pois o ser humano é um todo. Utiliza a estrutura mental e afetiva, para desenvolver o prazer em realizar alguma atividade, ou seja, a prática verdadeiramente.

Dessa forma, a prática docente deve despertar para a literatura, a música e as artes em geral, pois estas atividades servem de território do acontecimento do ensino-aprendizagem dos alunos(as) e para suas relações sociais. Além da questão central, que são os valores éticos, as atitudes estão mais evidentes nessas atividades, de forma mais ampla do que ocorre nas atividades cotidianas na sala de aula.

No convívio social, os valores e os contra-valores são inúmeros e vivenciados de forma variada, às vezes agressiva nas relações interpessoais. Isso exige o desenvolvimento de uma cultura de reconstrução permanente de conhecimento e flexibilidade nas ações para se ter uma atuação mais cidadã. A escola, como parte deste convívio social, de forma geral, possui uma certa semelhança com a sociedade e, portanto, os valores éticos devem sobrepor-se aos contra-valores nas práticas educativas.

Assim, o processo de ensino e as atitudes no trabalho docente, no convívio escolar, constituem maneiras de intervir, de forma permanente, no desenvolvimento de ações para que possam conhecer diferentes valores, apreciá-los, vivenciá-los e analisá-los para, dessa forma,

selecioná-los para si, ou seja, para seu convívio pessoal e, também, para o grupo.

3.2 Identificando valores éticos e construindo caminhos

“Os valores são tão importantes na prática docente, como na vida. E na escola somos e lidamos com seres humanos, por isso os valores têm que fazer parte de nosso cotidiano” (professor(a) n. 5).

Sob um ponto de vista bastante otimista, os valores éticos estão sempre presentes na prática docente, mesmo que em escalas distintas. Segundo os sujeitos desta investigação, ou seja, professores(as) e alunos(as), alguns valores possuem maior relevância nas relações interpessoais - professor - aluno. O trabalho em valores éticos, na prática educativa, determina que as “regras” no relacionamento sejam claras e explícitas. Portanto, cabe ressaltar que alguns valores éticos essenciais estão sempre presentes no convívio escolar, destacando-se **o respeito, o diálogo, a amizade, a cooperação e a convivência solidária.**

Procurou-se conhecer as dificuldades em relação à disseminação dos valores éticos, ou seja, quais as possibilidades e limitações de trabalhá-los de forma explícita, na construção social do conhecimento, neste contexto escolar.

Os valores éticos na prática docente, de uma forma geral, na visão dos sujeitos da pesquisa, somente são vistos e vividos se trabalhados como um tema específico, dentro das atividades cotidianas. Os sujeitos da pesquisa possuem dificuldade de perceber que a prática em valores

éticos permeia as relações e atividades humanas. Tiveram problemas em apontar valores e refletir sobre as situações vivenciadas. Sabe-se que essa dificuldade de identificação não é resultante da ausência destes valores. Ocorre que os mesmos acabam ocultos nas relações no cotidiano escolar, considerando que não são explorados como temas específicos.

Especialmente o **respeito**, entre outros que foram identificados na visão dos alunos, alunas, professores e professoras da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, mereceu análise num primeiro momento.

Este, na visão dos alunos(as), deve ocorrer de forma sincera, verdadeira, na sala de aula, ou seja, hora de falar e hora de ouvir. O respeito, nessa visão, é a base de qualquer convivência em sociedade. Segundo as abordagens dos alunos(as), trata-se de um valor que deve existir sempre, principalmente, na escola, que é a “nossa segunda casa”. A ausência dele neste espaço vai provocar a falta em muitos outros. Os professores(as), também comungam dessa idéia, quando se expressam que “sem o respeito não vamos a lugar algum”.

O esclarecimento e a função da prática docente permeada de valores éticos é essencial, para que os alunos(as) percebam o significado de segui-los e não os aceitar como questão de mera obediência aos adultos. Essa prática em valores éticos conduz ao exercício da cidadania, num mundo em que, cada vez mais, é necessário adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, criar espaços de solidariedade, para estabelecer um convívio mais harmonioso numa sociedade pluralista.

Nesta perspectiva de conviver com as diferenças na prática docente, é de fundamental importância a seguinte colocação:

Todo professor(a) é também um educador. Cabe à escola, juntamente com a família, desenvolver este lado no ser humano, de conviver com as diferenças,

tendo respeito pelo outro, tolerância, paciência e ajudando cada um, dentro de suas limitações, a galgar mais um passo para a evolução. E, desta forma, uns ajudando os outros, teremos, com certeza, um mundo mais humano, mais justo e mais feliz (Professor(a) n. 2).

A divisão social entre grupos ou classes está presente em todos os lugares, mas é fundamental que ocorra a inclusão no sentido de garantir acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade. Cada pessoa tem sua individualidade, personalidade e cultura que lhe é própria, oriunda das condições naturais e sociais em que está inserida, ou seja, o multiculturalismo está sempre presente. É, portanto, necessário reivindicar uma sociedade mais justa, respeitosa, que vise ao desenvolvimento das diferentes dimensões humanas e possibilite uma formação educativa escolar e profissional cidadã.

A educação deve ser um ato político que conduza o aluno(a) a trilhar caminhos embasados na afetividade, na solidariedade e que se reconheça as diferenças individuais, pois como se expressa Freire (1992, p. 28):, “não basta dizer que o ato político também é educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação”.

Na busca de uma formação cidadã, o professor(a) n. 4, assim se pronunciou: “É fundamental, já que a educação é um todo. É através da educação que chegamos ao cidadão crítico e participativo, ou não, dependendo do trabalho que é realizado”.

Os alunos e alunas, em sua grande maioria, afirmaram que o respeito não é um valor singular, porque nele estão englobados muitos outros valores. Sem ele, não há diálogo, não há como existir cooperação, convivência solidária, entre outros.

Entre os professores e professoras, também em número expressivo, existe a afirmação de que os valores éticos se destacam na convivência

escolar por fazer ou dever fazer parte da formação humana, conforme afirmação: “Estão todos ligados e é muito difícil conseguir conviver evidenciando alguns e não outros, mas é fundamental destacar o respeito”.

Um pequeno grupo de alunos(as) discordou da idéia formada por alguns professores(as), de que o respeito deve partir somente do aluno(as) em relação ao professor(a), e que este, por sua vez, não tem o mesmo dever de respeitá-los. Os alunos(as) abordaram esta diferença de visão como um contra-valor (desrespeito). Afirmaram que têm suas próprias opiniões, particularidades e dificuldades, e que cada professor(a) deveria perceber e acatar estas diferenças, respeitar o fato de que o discente tem seu espaço dentro da escola.

Mesmo não estando preparado para tal situação, como afirmou o professor(a) n. 13, “é possível ser mediador, embora ainda hoje se tenha uma prática deficitária, faltando ao professor(a) habilidades para trabalhar as diferenças”.

Ou ainda, na fala do professor(a) n. 12, “Com certeza absoluta, a educação deve ser o pólo disseminador do mostrar as diferenças com seu lado benéfico, que agregue valores antagônicos, mas, no final, tão congruentes”.

Neste contexto, fluiu a questão da associação entre “respeito” e “medo”. Um grupo bem expressivo de alunos(as) manifestou que a imposição do respeito, no ambiente escolar, é feita pela punição, às vezes, por insegurança quanto aos saberes disciplinares, como afirma Tardif (2002), talvez pelo rigor, faz com que os professores(as) imponham um falso respeito em sala de aula. Esse respeito não passa de simples temor de reprovação. Este fato é, na maioria das vezes, associado à rigidez.

O professor(a) precisa de uma formação multidimensional, que inclua vários saberes, como afirma Tardif (2002, p. 39). Essa múltipla articulação entre a prática docente e os saberes, faz dos professores(as) um grupo social e profissional que necessita dominar, integrar e mobilizar os conhecimentos, enquanto condições para sua prática. Entre eles, o saber da experiência, levando-os a evitar ações que possam ter dupla interpretação em sua prática educativa.

Reforçando a posição anterior dos alunos(as), um grupo intermediário de professores(as), afirmou que o respeito existe frente a posicionamentos diferentes, desde que sejam feitos com clareza, transparência, honestidade e, principalmente, sejam bem argumentados. Já outro grande grupo afirmou que é fundamental, enquanto educadores, vivenciar realmente esses valores, pois sem exemplos, torna-se difícil trabalhar com os alunos(as). Essa idéia foi assim expressada pelo professor(a) n. 8, que disse: “o professor é o espelho para o aluno, pois tem o poder da palavra e a possibilidade de resgatar valores perdidos”.

Ainda em relação à vivência do respeito, um pequeno grupo de alunos(as) assim se posicionou: “Professores e alunos deveriam assumir mais aquilo que são, vivenciar realmente seus papéis. Poderiam se alertar de que estão em um local onde se educa e não se disputa”.

Do comentário acima, pode-se depreender que existem tensões e ressentimentos, por parte dos alunos(as), em relação às práticas docentes e pedagógicas em geral, no dia-a-dia escolar. O professor(a) n. 6 apresentou restrição quanto à idéia do grupo de alunos(as) e afirmou: “A escola, como um todo, propicia e nos engaja a trabalhar sobre valores, mas como já disse, o principal é a nossa prática como exemplos”.

Esses comentários direcionam a um repensar sobre os métodos de ensino adotados, em que o valor **respeito** parece estar sendo questionado. Assim, pode-se impedir que determinadas atitudes ponham em discussão a efetividade e eficácia profissional de cada um.

Um pequeno grupo de professores(as) afirmou que a postura de medo, punição e certa forma de inibir os aluno(a)s está associada à insegurança de início de carreira, para que pudessem ter domínio da turma. Essa é a fase explicada por Nóvoa (2000), nos chamados “ciclos de vida profissional do professor” que, no caso citado, envolve a fase inicial ou “estágio de sobrevivência e de descoberta”, que se caracteriza pelo choque com o real, com a complexidade da situação profissional, é o tatear constante, preocupação consigo próprio, distância entre os ideais e a realidade, fragmentação do trabalho, dificuldades de fazer relações pedagógicas, oscilações entre relações íntimas e distantes, dificuldades na prática com os alunos(as). O ponto positivo é todo o entusiasmo inicial, a experimentação.

O respeito também foi analisado, por alguns alunos(as) enquanto valor expresso na prática docente, quando o professor(a) se preocupa em estar preparado para atingir os objetivos do aluno(a), pois estimula o aprendizado, tornando a relação professor-aluno agradável. Há grande receptividade na aula quando o conteúdo é contextualizado, como no exemplo: “quando o professor(a) traça um paralelo do que aconteceu historicamente e do que acontece hoje”.

Quanto a essa contextualização, Morin (2003) refere-se ao conhecimento pertinente, pois a sua falta causa uma lacuna no processo educativo. Afirma que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em uma disciplina que pode dar, sozinha, um conhecimento pertinente, mas sim a capacidade de colocar o conhecimento no contexto, de torná-lo o mais global possível. Visão esta que também vem ao encontro da opinião de um pequeno grupo de alunos(as), que assim se manifestou: “os professores nos dão questões que nos ajudam no mundo lá fora, debates sobre assuntos em destaque, educacionais, dando força para o nosso dia-a-dia e futuro”.

Por outro lado, um número bastante expressivo de aluno(a)s revelou que a falta de respeito está muito presente nas relações escolares, manifestando-se nas práticas em sala de aula, de certa forma, monótonas, fomentando, dessa forma, a falta de respeito, tornando os alunos(as) impacientes, agressivos, barulhentos e surgindo discussões sobre postura, interesse, aproveitamento e outras situações vivenciadas.

A formação profissional surge como destaque, assim observado nas expressões: “em sala de aula, quando se sabe transmitir conhecimentos, passa-se a ser respeitado” ou “na sala de aula, quando existe o respeito, o professor(a) tem mais motivação para trabalhar”. Nota-se que este valor é fundamental, não só na maneira de expressar-se, mas também interfere no processo de ensino-aprendizagem.

Observa-se, então, que os contra-valores também estão presentes na sala de aula, conforme o relato de um pequeno grupo de alunos(as), que se posicionou da seguinte forma: “há falta de respeito quando ocorre um debate crítico, onde cada um tem sua opinião e não sabe respeitar a opinião alheia”. Outro grupo acrescentou: “Não se esquecendo do velho ditado: quem respeita, é respeitado”.

O desrespeito, para um grupo considerável de alunos(as) diurnos, está muito presente nas salas de aula, horas cívicas, na merenda e, mais uma vez, nas discussões, “bate-boca” entre professores(as) e alunos(as). Nessa mesma proporção, os professores(as) afirmaram que a falta de educação e de respeito estão sendo transferidos para o cotidiano escolar. Afirmaram que a educação, tanto formal como informal, precisa ser resgatada junto à família e não transpô-la totalmente para as práticas escolares.

Nesse sentido, foi mencionada uma situação vivenciada em sala de aula, em que uma mãe deu uma mensagem para a filha, a fim de que a professora procedesse à leitura para a turma. Nessa mensagem, a mãe pedia que ela tivesse educação, respeitasse e estudasse. Evidencia-se,

nessa atitude, a necessidade de a mãe ter a professora como porta-voz da mensagem que gostaria que a filha ouvisse, porque talvez não tivesse espaço para o diálogo na relação familiar. Houve, então, neste caso, a transferência da responsabilidade de educar na família para educar na prática docente.

A posição de um grupo médio de professores(as) é de que os valores são tão importantes na prática docente, como na vida cotidiana. Na escola lida-se com seres humanos, por isso os valores têm que fazer parte do dia-a-dia. Também é fundamental o respeito em questões profissionais, no que se refere ao âmbito salarial. Quem é valorizado, tem sua auto-estima sempre alta e, sobre esta situação, tem-se o depoimento de um docente (n. 15):

“Está faltando para os professores passarem valores para os alunos, um pouco mais de auto-estima. Tem épocas que entramos na sala dos professores e há uma nuvem negra. É terrível e daí você já entra com a auto-estima lá embaixo na sala de aula, não se dá aula direito, e eles já revidam”.

O professor, como afirma Perrenoud (2001), é visto como modelo, podendo estimular ou bloquear o desenvolvimento do aluno(a). Passar valores pela vivência é possível, por isso a preocupação com a auto-estima, para que se possa, realmente, pelas experiências de vida oferecer-lhes caminhos em valores éticos, ou pelo ensino propriamente dito, como suporte teórico fundamentado e relacionado à prática cotidiana nessa relação professor-aluno.

Várias situações levam o professor(a) a proceder desta forma. Na sociedade atual, as exigências para os docentes são imensas. Muitas faces da identidade do professor(a) não só devem ser reveladas como adaptadas e aprimoradas constantemente, pois se percebe que, embora se exercite a autocrítica e reflita-se, constantemente, sobre o fazer

pedagógico, são muitas as desvantagens nessa corrida. São vários fatores que contribuem para isso: a formação profissional deficiente e falta de atualização, tanto no que diz respeito à área de atuação, bem como em relação à falta de valorização social da profissão, leva os docentes à desmotivação, devido à baixa remuneração e às intermináveis jornadas de trabalho.

Esses são fatos que permeiam a prática docente. É o que, segundo Esteve (1999, p. 22) denomina-se “mal-estar docente”, pois são tantos os descontentamentos com as condições de trabalho, com as críticas e, às vezes, consigo mesmo, que os leva a ter estas atitudes desanimadoras. O professor(a), nestas situações, vê diminuir o valor social de seu trabalho.

Nesse sentido, mais uma vez se deve lembrar que o professor(a) é profissional e, ao mesmo tempo, é um ser social, como os demais. Apesar de um número muito expressivo de alunos(as) considerar falta de respeito o mau-humor, outra parte deles entende que os problemas pessoais que os professores(as) abordam ou deixam transparecer na sala de aula são, às vezes, inevitáveis. Um aluno assim se expressou: “o professor deve ser o mais profissional possível, deve tentar não trazer os problemas pessoais para sala de aula, mas como não temos um botão que liga e desliga o ser humano do ser profissional, devemos ter compreensão”.

Como professores(as), necessita-se voltar para a racionalidade prática, ter atitudes democráticas, no sentido de compreender e tentar buscar soluções para os problemas levantados. Junto a este grupo de pesquisados, definiu-se outro valor básico na prática docente, o **diálogo**.

Na concepção de um grande número de sujeitos envolvidos na pesquisa, este valor é essencial para que haja um desempenho melhor, tanto do aluno(a) como do professor(a), porque ambos têm que aprender, além de interferir na boa formação de cada um, tanto profissional, como humana. E, ainda, salientou que “o diálogo entre professores e alunos,

professores e direção e entre os próprios alunos, na sala de aula, leva-os a decisões mais sábias e consensuais em relação aos objetivos traçados”.

A escola deve dedicar-se à aprendizagem do diálogo entre as culturas humanísticas e científicas. Conforme Saviani (2001, p. 36), “a educação, enquanto comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação, realizará a promoção do homem, formando o cidadão ético, isto é, o indivíduo consciente e responsável que tomará como seu próprio ideal o ideal de toda humanidade”. Não se tem dúvida de que um dos grandes desafios da prática docente está centrado nas relações interpessoais, não só entre professor(a) e aluno(a), mas também entre os alunos(as). É necessário colocar-se no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso gera atitudes de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças, como mencionou um grupo de alunos(as): “o caráter da pessoa não vem da cor da pele, mas sim do que existe dentro dele”.

Mas há um pequeno grupo de alunos(as) entrevistados que registrou a seguinte opinião: “o silêncio é a melhor solução”. O silêncio fala por si, apesar de, muitas vezes, as palavras também o produzirem. Como afirma Orlandi (1997, p. 23), é o não dito visto através do interior da linguagem, pois, muitas vezes, esta sugere silêncio. É a possibilidade de o sujeito também trabalhar sua contradição, é carregado de palavras não ditas e, por isso mesmo, com uma significação especial. A política do silêncio dispõe as divergências entre o dizer e o não dizer: “O silêncio não fala, ele significa” (p. 33).

Este posicionamento leva-nos a algumas reflexões: será uma simples opção o silêncio, ou é uma forma de falar em que o diálogo é unilateral, que a voz que soa não é ouvida, ou é acomodar-se com situações vividas?

A grande maioria das opiniões expressas revelou que o silêncio é uma forma bastante forte de protesto e reivindicação, atingindo bons resultados.

Observou-se, também, num grande grupo de alunos(as) diferentes situações que envolviam o diálogo. A dificuldade em dialogar para esclarecer dúvidas, normalmente, acontece devido à timidez, à vergonha, à imposição da opinião do professor(a), ou seja, o monólogo. O diálogo realmente acontece com dois ou três professores(as) e já auxiliou na resolução de problemas na turma. O trabalho realizado através do diálogo é uma orientação emanada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, MEC/SEF (1997), onde a valorização e o uso do diálogo deve constituir-se numa forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas.

O diálogo, associado à cooperação, já auxiliou, e muito, um grupo considerável de alunos(as), que afirma: “perdemos muita matéria dialogando com uma professora, mas adquirimos uma sabedoria que ninguém jamais irá nos tirar”. As possibilidades de trocas entre professores(as) e alunos(as), para se trabalhar valores éticos, existem, mas frequentemente, não são percebidas, devido à falta do diálogo, já que se limitam ao didático, ao fazer pedagógico dissociado da formação em valores éticos. Sobre essa situação, alguns professores(as), em consenso, teceram o seguinte comentário: “volta-se para o conteúdo por timidez, por não conhecer o suficiente o aluno (a) e o assunto a ser abordado”. Sabe-se que a educação formal, às vezes, fracassa, porque os professores(as) não interagem com a realidade do dia-a-dia e a ação tem papel prioritário na dimensão educativa.

Já um grupo médio de docentes afirmou que o diálogo acontece principalmente entre o grupo de profissionais, mas, em muitos momentos, não tem sinceridade, honestidade e transparência, dificultando ainda mais as relações nas práticas educativas.

Não se têm dúvidas de que, na prática docente, o diálogo entre os sujeitos envolvidos torna-os melhores como pessoas, porque se valorizam as particularidades, as diferenças de cada um, auxiliando-os no seu crescimento e desenvolvimento de habilidades humanas e profissionais. Na fala de um aluno, ele acrescentou que “o diálogo só tem valor se, logo após, ocorrer uma reflexão”. Esta situação nos remete ao que Schön (1992) afirma sobre as práticas educativas: “é necessário refletir, replanejar, fazer observação em todas as ações, ou seja, pensar de forma crítica o que se fez, para se ter uma mudança de atitude ou pensamento”.

A educação escolar, segundo Morin (2003), implica mudanças de pensamento e sugere tópicos que são indispensáveis para um cidadão do século XXI, como o conhecimento, a identidade humana, a compreensão humana, a incerteza, a condição planetária entre outros temas também necessários. Observa-se que o ser humano e o planeta são o centro do ensino. É preciso aprender sobre a condição humana.

Para esse autor um dos principais objetivos da educação, ou seja, da prática docente, é ensinar valores, pois estes são incorporados pela criança desde muito cedo. É preciso orientar ou ensinar aos alunos(as) a compreender a si mesmos, para que possam compreender os outros e, assim, conseguir a conviver juntos, para desenvolverem seus papéis nesta era planetária, pois, como afirma Morin (2001, p. 60), “o homem e a mulher criam suas diferentes identidades na Terra, sejam elas familiares, étnicas, culturais, religiosas, sociais ou nacionais”.

Também nesse sentido a prática docente deve ser permeada de valores éticos, para que haja correlações entre os saberes científicos e a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem. Deve permitir que os alunos(as) se situem no seu espaço, na comunidade, no mundo e que percebam essas correlações de saberes. Assim, os valores poderão auxiliar os alunos e alunas a trilhar caminhos e reflexões sobre si mesmo e ações perante os outros. Este tipo de ação foi evidenciado na posição

de um pequeno grupo de alunos(as): “Na escola, a gente aprende os princípios básicos de valores que são válidos na vida adulta. A escola, os professores(as) e os colegas têm muita influência nas nossas ações, nos nossos pensamentos ainda em transformação”.

É nesse sentido que se direciona esta pesquisa, tendo como foco o ensino médio/profissional, que deve se preocupar com uma educação integral, ou seja, com conhecimentos acadêmicos e os relativos à habilitação técnica, atitudes e valores, levando-os a uma certa autonomia para a construção de sua identidade, que colabore na construção de um projeto de vida vinculado a valores éticos. Para isso, é importante trabalhar com os alunos(as) em um ambiente de participação mais democrática.

Um outro valor destacou-se pelo grau de importância na prática docente da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, pelos sujeitos da pesquisa, que é a **convivência solidária**.

Sabe-se que a convivência solidária é fruto da vivência de muitos outros valores, bastante mencionada pelos alunos(as) e citada por um reduzido número de docentes. Para os alunos(as) envolvidos na pesquisa, de uma forma geral, este valor é fundamental no consenso de turmas, mas não é prática presente na grande maioria, ocasionando discordâncias nas ações dos grupos de alunos e alunas, apesar de haver muito interesse em ajudar o outro. No entanto, trata-se de um valor que exige, ainda, muito trabalho na escola. Segundo os alunos(as), é necessária uma maior compreensão por parte dos professores(as) para que se vivencie a solidariedade, pois esses docentes, segundo os alunos(as), não os conhecem na vida pessoal e os problemas que enfrentam cotidianamente.

A convivência solidária, na visão de grande parte dos professores(as), não acontece efetivamente pelas situações vivenciadas, como afirmaram no seguinte depoimento: “Muitas vezes, tu não

consegues ver que por trás de um sorriso existe fome, brigas, e estas situações, na sala de aula, passam despercebidas. Têm alunos que terminam o ensino médio e o professor(a) ainda não sabe seu nome. Justifica-se esta situação pelo excessivo número de turmas e horas-aula que se tem”.

Nesse sentido, questiona-se se a convivência que realmente os professores(as) têm com seus alunos(as) pode auxiliá-los na afetividade e na sua formação humana. É uma vivência bloqueada, como afirmou o professor(a) n. 9: “Professor com grande acúmulo de atividades tem pouco tempo de conviver com os alunos e com colegas. São professores(as) frutos da sociedade capitalista”.

Essas relações são explicadas por Sacristán (2002), na construção de redes sociais nas relações entre professor(a) e aluno(a), que podem ser afetivas, quando a esfera é de caráter pessoal; culturais, quando se mantêm vínculos por solidariedade ou por motivos diversos em âmbito político, porque somos cidadãos de uma mesma cidade, estado ou país.

Porém, de uma forma geral e independente das redes de relações sociais que se estabelece, o ser humano, instintivamente, está pronto para sua defesa, assim como se dispõe a ajudar o outro. A **solidariedade** foi mencionada por grupos isolados de alunos(as) e de forma recíproca, na prática docente. Professores(as) que se “abriram” com seus alunos(as), pedindo apoio e compreensão em momentos críticos da vida, e alunos(as) que procuraram professores(as), tornando-os seus conselheiros e confidentes. Sobre esta busca na escola, um pequeno grupo de alunos(as) manifestou que “sem dúvida, estamos aqui para termos uma base de como nos portarmos lá fora, então o professor(a) é o nosso alicerce”.

O professor(a) modelo ou perfeito é utópico, mas a busca pedagógica ou metodológica que possa auxiliar seus alunos(as)

acrescerem na formação humana deve ser ambição constante de um professor(a).

A responsabilidade atribuída aos professores(as) é reconhecida pelo grande número de sujeitos envolvidos na pesquisa, que são formadores de opiniões, de exemplos a serem seguidos, de que a palavra do professor(a), de certa forma, tem uma veracidade e confiabilidade no grupo, podendo ser, realmente, a base para uma construção social deste grupo de convívio.

O professor(a), na visão de vários alunos(as), é um mediador nas opiniões, na forma de falar, agir e de conviver com as diferenças individuais. Sobre esta situação, um pequeno grupo se pronunciou: “um colega considerado muito relapso pelo grupo, mudou sua forma de estudar, de agir em sala de aula, devido à convivência mais afetiva com os colegas novos e professores que começaram a incentivá-lo”.

Alguns professores(as), em relação ao mesmo fato, também, se manifestaram que, ao determinar regras claras, limites e firmeza no trabalho e no trato, a grande maioria dos problemas desta natureza é resolvido. Existe uma consciência geral de que este tipo de situação necessita, e muito, ser trabalhada no grande grupo da instituição de ensino.

Os professores(as) sugeriram um processo de formação continuada, pois, como afirma Nóvoa (2000, p. 114), esta atividade de aprendizagem não se situa em espaços e tempos limitados, mas é vital para uma construção de si próprio e de se repensar a prática docente.

Foram também identificados outros valores éticos, como **cooperação, companheirismo, amizade, compreensão, sinceridade, honestidade, transparência, dedicação e individualidade**, no sentido de aceitar que cada pessoa tem suas dificuldades e precisa de atenção

para chegar ao mesmo lugar de seus colegas, ou seja, as diferenças de cada um.

Todos esses valores éticos, na visão dos alunos(as), estão presentes no contexto escolar, mas, às vezes, são falhos na prática docente. Esse fato é explicado pelo ciclo profissional em que o professor(a) se encontra, ou seja, pelo impacto com o real, com a complexidade da situação profissional, pela fragmentação do trabalho, dificuldades de fazer relações em valores nas práticas pedagógicas, além de desequilíbrios emocionais associados a problemas pessoais, à violência simbólica, às discriminações pelos diferentes níveis de conhecimentos, à imaturidade, à limitação na liberdade de expressão, valores pela imposição ou punição, choques de valores vivenciados na escola e no seio familiar, além das condições de trabalho dos docentes associadas à insatisfação salarial, excesso de carga horária e impossibilidades de qualificação permanente.

Na visão dos professores(as), é necessário vivenciar mais a sinceridade, a tolerância e a cooperação. É indispensável exercitar a tolerância para se manter a paz, como afirma Serrano (2002), definindo como capacidade de aceitar as idéias e opiniões diferentes das próprias. É imprescindível, ainda, direcionar atenção a situações individualizadas de profissionalismo, disponibilidade, organização, comprometimento, justiça, dignidade humana, união e integração. Um grupo bastante expressivo de docentes mencionou: “os alunos cuidam um dos outros, não se entregam, se protegem”. Não se tem dúvida de que estes mesmos valores precisam ser vivenciados efetivamente entre os docentes.

3.3 Conhecendo as dificuldades na disseminação de valores éticos

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca esquecerei desse
 acontecimento
 na vida de minhas retinas tão
 fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do
 caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

A maior barreira enfrentada pelos docentes é a dificuldade de associar as atividades pedagógicas cotidianas aos valores éticos. Este fato está diretamente relacionado à sua formação profissional, significativamente afastada da visão social-humanística e voltada para uma formação mais conteudista.

Hoje, para o professor(a) ser verdadeiramente um disseminador de valores éticos em sua prática, espera-se muito mais que sua interpretação na sala de aula. Comparação que Castro (2003, p.16) faz do professor ao pianista:

O estudo do pianista, assim como a formação do professor, inclui duas fases: primeiro, a partitura, para fixar na memória as notas. É a etapa conteudista do professor. Depois, ele estuda a interpretação. Os professores, na maioria das vezes, não ensaiam a segunda etapa e, ainda, aprendem com quem jamais se celebrizou pela atuação na sala de aula, por mais que tenha muitos diplomas. Os

pianistas começam a aprender com o melhor e assim seguem, por toda a vida.

Castro questiona: Por que não aprendemos com os pianistas a preparar nossos professores? As possibilidades existem, só que os professores(as) precisam enfrentar barreiras, que não são poucas. Além do pouco conhecimento sobre o assunto - valores - existem muitos tabus e situações que estão arraigadas à formação do professor(a). São questões não éticas, e sim morais, como os preconceitos, as percepções de educação derivadas da formação.

Sobre a formação docente, os sujeitos envolvidos na pesquisa falaram que os cursos são falhos em relação aos aspectos relacionados a valores. A visão desse grupo foi de que a formação em valores éticos está diretamente vinculada às disciplinas como Psicologia, Didática, Filosofia, e que está relacionada à Pedagogia.

Além disso, o grupo apontou como dificuldade no trabalho em valores, a questão familiar, como depõe uma professora: “Como educadora, falo algo que é totalmente oposto àquilo que o aluno vivencia em sua casa. Daí surgem choques de valores, pois cada ser humano traz sua bagagem”.

Nesse sentido, o trabalho docente é determinante para auxiliar os alunos(as) a evoluírem na prática dos valores éticos, apesar de sofrer interferência das suas próprias limitações culturais.

As dificuldades da prática docente como disseminadora de valores éticos, na ótica dos professores(as), estão vinculadas à falta de motivação de se trabalhar nesta linha. Na maioria das vezes, o desrespeito é transferido para o cotidiano escolar, além de existir falta de união da classe docente, associada à baixa auto-estima, cansaço, stress, salários baixos, acúmulo de serviço, duas ou mais escolas e municípios e conseqüente excesso de carga horária. Tudo isso faz com que os

professores(as) voltem suas práticas pedagógicas exclusivamente para a produção do conhecimento, sem, entretanto, permeá-las com os valores éticos.

Também, espera-se da “escola” as orientações para se trabalhar nesta linha em valores éticos, porque, segundo a visão dos docentes, em sua maioria, as ações são hierarquizadas, buscando, dessa forma, evitar erros nas decisões, pré-julgamentos e atitudes incorretas em relação aos alunos(as).

Os obstáculos para prática em valores éticos são muitos. Segundo um número expressivo de alunos(as), a ausência de profissionalismo associada à falta de equilíbrio emocional, em consequência de problemas pessoais, gera uma lacuna na prática educativa. Também a violência simbólica se faz presente pela agressividade, autoritarismo, imposição de medo, discriminação pelos diferentes níveis de conhecimento, a imaturidade dos alunos(as) ligada ao desinteresse na construção social dos conteúdos. Um dos piores entraves para tornar a prática docente uma educação em valores éticos, em que os conhecimentos sejam utilizados para se trabalhar as diferenças, as idéias, as críticas e as controvérsias na rigidez do trato com os jovens, é o desgaste nas relações professor-aluno, devido à desvalorização ou reconhecimento do trabalho do docente. Sobre esta situação, Jesus (1999, p. 20) afirma: “Há um predomínio dos valores economicistas em detrimento aos valores intelectuais e humanistas, o que contribui para a desvalorização de profissões mal pagas, como é o caso da profissão docente, pois a desvalorização social está ligada à desvalorização salarial”.

3.4 Transpondo barreiras e vivenciando valores éticos

“Valores éticos são fundamentais para o funcionamento de uma classe escolar, pois no momento que falte algum desses valores a aprendizagem é prejudicada” (alunos(as), educação profissional - 2ª etapa)

Quando esta análise volta-se para as possibilidades encontradas junto aos alunos(as), nota-se que um grupo considerável de professores(as) atua sem conhecer a realidade e comentou: “Sabemos que temos o poder de transformação, mas não conseguimos alcançar, pois deparamo-nos com alunos(as) que não estão interessados em ouvir e vivenciar alguns valores éticos básicos para uma boa convivência escolar”.

Além de existirem situações de discriminação nas relações interpessoais, especialmente com relação à homossexualidade, também problemas disciplinares e desajustes familiares interferem na prática docente. Ficou evidente, então, a falta de preparo dos professores(as) para trabalhar com os preconceitos, pois eles estão fortemente arraigados no grupo e na sociedade em geral, da qual não se pode desvincular a atuação em sala de aula.

É comum, no regozijo dos professores(as), a busca por alunos(as) angelicais. Sabe-se que a realidade é bem mais dura e, por isso, bem mais desafiadora. Para alguns, a escola seria a própria imagem do inferno. Segundo Nóvoa (2003), os alunos não são anjos, nem demônios; e os professores não são cúmplices e nem reféns. Ambos são apenas pessoas, o que não é pouco. Mas pessoas que precisam interagir e que o professor é responsável pelo crescimento e formação em valores de outras pessoas.

Na visão de uma professora, hoje se presencia uma escola desvalorizada, lugar onde o aluno parece querer fazer de tudo, menos se dedicar ao conhecimento formal e suas atitudes deixam de lado os valores para uma boa convivência.

Apesar das limitações mencionadas, um professor(a) (n. 13) possui a seguinte opinião: "Ignoro limitações no meio escolar para prática de valores éticos, pois o professor(a) é um formador de opiniões, moldador de personalidades, então, como admitir tais limitações?"

Na visão de um grupo bastante expressivo de alunos(as), as dificuldades sobrepõem-se às possibilidades de disseminação de valores éticos, pela própria valorização da pessoa e disciplina ministrada pelo professor(a). Vivenciaram-se várias situações que explicam esta sobreposição: a postura do professor(a), porque talvez não exerça a profissão que gostaria de seguir; a necessidade de os professores(as) mudarem seus valores para ensinar novos valores aos alunos(as); a falta de compreensão com algumas atitudes dos alunos(as), por não conhecê-los suficientemente; as regras ditadas pela escola em ter que vencer listagem de conteúdos; a radicalidade de alguns professores(as) associada à timidez dos alunos(as); a falta de transparência e a inveja. A formação do que se chamam "panelinhas", na sala de aula, também é fator limitante para a prática docente em valores éticos.

Um pequeno número de alunos(as) mencionou a falta de cooperação no ambiente físico, no cuidado e preservação do mesmo, além da liberdade de expressão ser limitada. O pouco que existe, ocorre apenas nos Conselhos de Classe.

De uma forma geral, as dificuldades estão associadas à falta de diálogo e de se trabalhar com as diferenças individuais, às práticas docentes não voltadas para as incertezas. Como sugere Morin (2000), para se conviver com as situações que escapam dos nossos desejos e

intenções, muitas vezes, não se precisa entender os outros, basta respeitá-los.

Conhecer as maneiras de se trabalhar os valores na construção social do conhecimento, no Ensino Médio, é de fundamental importância, configurando um dos objetivos desta investigação. Segundo Sacristán (2002), os alunos vivenciam uma perda de calor humano nesta transição do ensino fundamental para o ensino médio, apesar de se saber que os valores estão em evidência em todas as instâncias do processo formativo-educacional e em cada atitude nos relacionamentos interpessoais.

A maneira de se trabalhar valores éticos, segundo um grande grupo de professores(as) investigados, parte da valorização de seu trabalho pelo aluno e comunidade escolar, além da organização do ambiente pedagógico. A escola, enquanto espaço físico, apesar de suas precariedades, auxilia no que pode o professor(a). Ficou evidente, neste posicionamento, a unilateralidade da visão docente, em que a valorização do educando, de suas idéias, de seus interesses não entra em discussão.

O grande grupo de docentes afirmou que só se pode trabalhar valores se vivenciados através de exemplos, pois os alunos(as) são os reflexos dos pais e dos professores(as) ou, pelo menos, buscam inspirações para suas vidas nestas figuras. Uma professora (n. 2) se pronunciou dizendo que “consegue trabalhar valores com os alunos quando aborda experiências, vivências. Não há como ensinar valores de outro jeito. Dentro da sala de aula, mesmo eu me irrita quando o ambiente está sujo. Primeiro, organizo, depois inicio a aula. Para mim, ensinar valores começa desde aí, é respeito comigo mesmo. O respeito entre os alunos, se não quer, não quer, mas respeita os colegas, e precisamos fazer isso na nossa prática, o respeito com o espaço dos outros.”

As idéias de Maturana (2002, p. 25) vão nesse sentido quando diz: “quem respeita a si mesmo, é independente e autônomo, sem estar em

oposição; o respeito por si mesmo não se constitui na diferença com o outro, mas na aceitação da própria legitimidade”.

Quando se mostra a realidade e as diferenças na construção do conhecimento, se prepara os alunos(as) para a vida e criam-se elos entre o conhecimento formal e as relações do cotidiano, ou seja, ter coerência no falar e agir.

Outras maneiras de se trabalhar valores éticos na construção social do conhecimento foram mencionadas pelos professores(as): através da conscientização dos problemas sociais, políticos, econômicos e da participação mais ativa dos alunos(as) no meio onde vivem. Além disso, pelas experiências diárias, os alunos(as) podem ampliar o conhecimento sistematizado e, ainda, na medida em que o professor(a) se ponha num plano de igualdade com os alunos(as), levando-os a agirem como se todos partilhassem das mesmas experiências.

Trabalha-se na construção social do conhecimento em situações de solidariedade humana, campanhas realizadas para auxílio de idosos, de questões ambientais, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997). Deve-se levar o aluno(a) a construir uma imagem positiva de si mesmo, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida. As atividades em grupo, também, constituem formas de se vivenciarem valores como o de equipe, de liderança, do respeito a opiniões, diálogo, transparência, entre outros.

Como diz Maturana (2002, p. 25) “quem respeita a si mesmo, ama o que ama a partir da liberdade de ser, isto é, a partir de ser responsável pela própria responsabilidade”. Segundo os professores(as), praticam-se também valores na construção social do conhecimento, quando se implementam ações e informações sobre planejamento familiar, uso de drogas, reciclagem de embalagens, uso adequado da água, prevenção da Aids... O uso de filmes, palestras, visitas nas salas de aulas de grupos da

sociedade, são atividades que auxiliam para enfatizar a prática docente em valores éticos. Como disse uma professor(a) (n. 15), é importante alertá-los que “não existe grupo de risco e sim comportamentos de risco”. Esta colocação não cabe mais para questões locais e nem para doenças sexualmente transmissíveis, mas é adequada a ações que envolvem poluição, política de relações entre países, entre outros.

Nesse sentido, Santos (2000) ensina-nos que se deve ter conhecimento prudente para uma vida decente, ou seja, é necessário associar os conhecimentos formais, científicos aos paradigmas de uma vida decente, as práticas sociais, em que os valores éticos constituem a base.

Também se trabalham valores na prática, segundo a visão do professor(a) n. 13, quando se provoca a curiosidade do aluno(a), ou lhe traz expectativas de experiências novas e novos valores, com firmeza e transparência, portanto é necessário domínio dos assuntos para se levar a reflexões.

Na visão dos alunos(as) envolvidos na pesquisa, grande parte deles vêem o trabalho em valores éticos na construção do conhecimento, quando as experiências de vida são afloradas, na participação de feiras do livro, de ciências, gincanas culturais, torneios esportivos, palestras, trabalhos em grupo, conselhos de classe, festivais de música, teatro, poesia e estes assuntos são associados à prática docente.

Conclui-se que, quando o professor(a), através de sua teoria-conhecimento, opta por unir à sua prática valores éticos que vivencia realmente em seu cotidiano, pode auxiliar na transformação da realidade que atua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a prática docente na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente e refletir sobre as manifestações dos sujeitos da pesquisa, percebe-se que os valores éticos, em diferentes níveis de abordagem e intensidade de disseminação, estão presentes na prática pedagógica docente. Identificá-los e conhecer o modo como são trabalhados em classe, passam a constituir ação essencial ao desempenho docente, voltado para uma educação cidadã.

Nos encontros com os professores(as) e alunos(as) do Ensino Médio e da educação profissional da escola, na apresentação e aplicação dos instrumentos de pesquisa, ou seja, dos questionários e entrevistas semi-estruturadas, e de diálogo sobre o tema, identifica-se uma série de valores éticos que permeiam a prática docente naquela instituição. Dentre os muitos valores éticos elencados pelos sujeitos da pesquisa, durante os trabalhos, alguns se destacaram por sua grande relevância no desenvolvimento de um processo educacional sério e competente, tais como: respeito, diálogo, amizade, cooperação e convivência solidária.

Sob um ponto de vista bastante otimista, os valores éticos estão sempre presentes na prática docente, mesmo que em escalas distintas. São valores que permitem ao professor(a) desempenhar, de forma eficiente, seu papel profissional e social. Em relação aos educandos, observa-se uma associação dos valores à competência do professor(a) e, até mesmo, ao seu próprio aprendizado e à construção do conhecimento. Os valores aqui expressos são os inerentes aos saberes dos docentes, frutos do tipo de formação que tiveram e que, naturalmente, se refletiu em

suas práticas. Segundo os pesquisados, esses valores da formação e dos saberes são condicionantes do bom desempenho docente e da facilidade de aprendizado dos alunos(as).

Trabalhar em valores éticos depende, diretamente, da posição que cada um ocupa na vida social, da história de vida, dos conceitos que homens e mulheres construíram. Depende, em síntese, dos valores éticos que preconizam no intuito de possibilitar uma formação educacional e profissional cidadã. Assim, é necessário, no processo educativo, avaliar e reavaliar os procedimentos adotados pelos docentes, em sala de aula, e procurar coerência entre o pensamento e a ação, bem como definir quais os valores que se devem vivenciar e disseminar nesse processo.

As relações dos homens e mulheres, no processo educativo formal e informal, ou seja, nos espaços de convivência, ocorrem de forma diferenciada, pois o tempo modifica-os, transforma-os e torna-os seres dotados de insegurança. Essa insegurança serve de estímulo ao crescimento humano, enquanto sujeitos da história e da cultura que se constroem através das múltiplas ações do cotidiano. O horizonte de nossos saberes e valores determina nossa vida, e não há dúvidas de que os valores éticos estão em evidência em todos os momentos e em cada atitude do relacionamento humano.

Entretanto, hoje, papéis e valores caminham em ritmos diferentes neste mundo planetarizado. Enquanto os valores hegemônicos da sociedade capitalista estão centrados nas questões de cunho político-econômico, os valores éticos, necessários a uma formação mais humana e cidadã, relacionados ao convívio social, são valorizados em escala secundária. Deve-se, portanto, evidenciar os valores éticos existentes, agregar outros e instigar a sua vivência. Embora se preconizem, hoje, em maior escala, os valores econômicos, políticos e a competitividade, esta, quando trabalhada de forma salutar, também propicia a vivência intermediária de uma série de outros valores.

Frente a desafios quanto às diferentes idéias de ensinar ou vivenciar os valores, Morin (2003) assegura que ensinar valores é o maior desafio de hoje, devido às diferenças entre os grupo sociais, pois não é possível trabalhar todos os valores de uma forma universal, especialmente, os valores éticos que permeiam as práticas docentes. Muitas vezes, conforme afirmam os professores entrevistados, esses valores se chocam com aqueles cultivados no seio da família. Dessa forma, o professor e a professora devem estar preparados para exercer a conciliação de valores éticos, buscando disseminar, com evidência, aqueles que respondem às expectativas da sociedade como um todo e das famílias, individualmente, como o respeito, diálogo, solidariedade e cooperação.

Os valores éticos, de uma forma geral, ainda se encontram implícitos nas práticas educativas docentes por situações diversas, como a forma de conduzir a prática em sala de aula, a disponibilidade de carga horária, entre outros condicionantes também estão as peculiaridades da formação docente. Através do trabalho de investigação, foi possível perceber que professores(as), com experiência profissional de 4 a 20 anos, em média, não tiveram uma formação social, mas sim uma formação técnica que dificulta o desenvolvimento de um trabalho permeado de valores éticos.

Conclui-se que, de uma forma geral, os sujeitos da pesquisa evidenciaram dificuldades de mencionar situações em valores éticos na prática docente, associadas aos conhecimentos desenvolvidos. Na visão de um expressivo número de docentes, a identificação e vivência de valores éticos é possível, basicamente, em disciplinas pedagógicas, como a Didática, a Filosofia e a Psicologia, portanto, percebem o trabalho em valores éticos de forma fragmentada, tal como foi a sua formação; não como uma prática cotidiana que permeia o fazer pedagógico, cujos valores, às vezes estão explícitos e, outras vezes, implícitos.

Dessa forma, geram-se conflitos, dificuldades em associar as práticas docentes a valores éticos, porque não há percepção de que eles estão inseridos nas vivências cotidianas de todos nós e em todas as disciplinas. Eles não constituem conteúdo específico de disciplinas isoladas, mas devem permear o fazer pedagógico. Daí a importância de uma formação docente social e humanista, que permita ao professor(a) perceber a relação entre valores e a prática docente. Ele deve ter a consciência de que a prática envolve a disseminação de valores éticos, mesmo que esse fato permaneça oculto em relação às concepções existentes.

Assim, o conhecimento, o domínio e a reflexão, quanto maiores na prática, mais facilmente se vivenciam no fazer pedagógico em valores éticos, desde que o professor acredite nisso e que não esteja preso a tabus e concepções extremamente morais.

O grupo de docentes afirmou que a coerência entre o falar e o agir é fundamental, pois os professores(as) são vistos como modelos, alicerces, formadores de opinião, auxiliares na caminhada em valores éticos. Todavia, devido ao acúmulo de atividades exercidas pelo professor e pela professora por atuar em várias escolas, para complementação salarial, à elevada carga horária e ao grande número de alunos(as) a serem atendidos, na maioria das vezes, torna-se praticamente impossível conhecer melhor os educandos e, dessa forma, dispensar atenção especial às suas necessidades.

Nas relações interpessoais, os valores éticos estão sempre presentes. No entanto, um grande número de alunos(as) não consegue perceber a relação existente entre valores éticos e o desenvolvimento dos conteúdos e associam à falta de maturidade deles como uma dificuldade, para a vivência de alguns valores éticos como o respeito, o diálogo e a convivência solidária. De certa forma, esses são fatores que interferem no

processo de aprendizagem, segundo a visão dos alunos(as) participantes da pesquisa.

Nesse processo surgem, ainda, alguns contra-valores, como o desrespeito, a intolerância, a falta de diálogo, ou seja, a violência simbólica está presente nas palavras, na rebeldia e na insensibilidade que, muitas vezes, se sobrepõe à possibilidade de trabalhar em valores éticos a construção social do conhecimento, configurando uma questão negativa e decisiva que pode gerar o insucesso escolar e a insatisfação profissional.

A agressividade e os outros contra-valores, já mencionados anteriormente, tornam-se recíprocos nas relações professor-aluno, porque os professores(as) nem sempre estão preparados para a situação de confronto de idéias, de críticas ou de questionamentos sobre sua prática.

Os valores éticos estão mais evidentes na escola quando aflora a necessidade recíproca de boa convivência, de reconhecimento da interdependência que há entre os professores(as) e os alunos(as). Quando o respeito, o diálogo, a transparência, a amizade e a cooperação evidenciam-se, a motivação e a boa convivência fluem naturalmente. Vários exemplos foram mencionados pelos alunos(as) e expressos, em nível escolar, através das artes, feiras de ciências, esportes, uso da biblioteca, de laboratórios, a realização de trabalhos em grupo e debates, permitindo-lhes mostrarem seus valores individuais.

Conforme evidenciaram os entrevistados, a relação em valores éticos entre professores(as) e alunos(as) auxilia no desenvolvimento pessoal dos discentes, visto que lhes dá possibilidades de resolução de problemas diários, ajuda-os nos debates sobre conhecimentos atuais, auxilia na formação de diferentes visões de mundo e permite a atenção individualizada na condução a posicionamentos mais seguros. Essa relação interpessoal, quando efetiva, facilita a reflexão sobre as ações em relação à vida, na afirmação dos pensamentos em formação e,

principalmente, na capacidade de reconhecer as diferenças pessoais e valores individuais.

Então, o professor(a) deve ser capaz de perceber a evidência de choques, vivenciados na escola e na família, e compreender as dificuldades de adotar e efetivar ações educativas que contemplem essas diferenças.

Segundo os alunos(as), os professores(as) precisam contagiá-los pelo prazer de estar na profissão docente e, através de uma linguagem acessível, incentivá-los ao processo ensino-aprendizagem, além de mostrar-lhes que valores, também, são vivenciados, a partir da preservação do espaço físico, desenvolvendo-lhes a consciência social e ecológica, bem como a idéia de que a escola é local de educação e não de disputas pessoais. Apesar de se saber que as tensões existem em qualquer lugar e até devem existir para que se instituem novas formas de agir na sociedade, porque sem tensões nada muda, o velho e o novo estão sempre em embate.

A prática educativa deve ser, para os alunos e alunas, professores e professoras, fruto do projeto desenvolvido na escola, de ensinar e aprender ao mesmo tempo, para clarificar e vivenciar valores éticos na atividade educativa. Para se efetivar práticas docentes permeadas de valores éticos, são necessárias reflexões na comunidade escolar. Deve ser um caminho para responder o que norteia o plano político-pedagógico da instituição de ensino, que propõe formar os alunos (as) para a vida, para o trabalho e, principalmente, para serem cidadãos. Para tanto, é importante, nessa situação, a formação continuada de docentes, como sugere Oliveira (2000, p. 273): “que seja um auxiliar para que os sujeitos possam se familiarizar com suas histórias de vida, com as diferentes áreas de saber, com os valores humanos que regem suas ações”, como forma de alcançar desenvolvimento, na construção social dos conhecimentos e na prática em valores éticos.

Segundo as conclusões emanadas da avaliação das entrevistas realizadas com os professores(as), foi possível depreender, de suas argumentações, que só se pode exercer a prática docente em valores éticos, quando houver a autovalorização profissional, aliada ao reconhecimento do trabalho por parte da comunidade e a um processo de formação humanizado.

Sobre a disseminação de valores éticos, conclui-se que existe uma falta de conhecimento dos alunos e alunas sobre o tema. No entanto, durante os trabalhos, quando abordados os valores éticos, de forma clara, e associados a exemplos, foi possível perceber que existe um processo de formação implícito na convivência escolar, que os valores éticos estão presentes no dia-a-dia dos educandos, mas dissociados dos conteúdos. Essa dissociação, fragmentação, constitui-se em agente dificultador na disseminação de valores éticos na prática escolar.

Assim, o resultado deste trabalho, que buscou identificar os valores éticos que permeiam a prática docente na Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, bem como as formas de sua disseminação no trabalho, poderá influenciar no desenvolvimento de uma prática docente em valores éticos, onde a comunidade escolar possa optar por atitudes coerentes com o objetivo maior da escola que é o de educar para a cidadania e, como conseqüência, para a realização pessoal e profissional, num contexto social amplo e harmonioso.

A prática docente em valores éticos existe, mas é necessário que ocorra a clarificação desses valores, tendo em vista que, atualmente, na sociedade, se preconizam principalmente valores de cunho econômico e político. No entanto, para a convivência e formação humana, é imprescindível que se vivencie valores éticos, como o respeito, o diálogo, a amizade, a cooperação, a convivência solidária, entre outros.

No âmbito das relações humanas, as indagações sobre o que é certo ou errado são muitas e estão, normalmente, relacionadas aos valores morais. Deve-se, portanto, canalizar essas dúvidas para o campo do questionamento, da busca dos porquês e, desta forma, conceber tais valores sob uma visão ética.

Conclui-se que um dos mais sérios agentes dificultadores para se trabalhar em valores éticos é a formação dos professores(as), associada a outros fatores, como o acúmulo de atividades em várias escolas, para complementação salarial, elevada carga horária e grande número de alunos(as). Esses fatores interferem na realização de uma prática educativa prazerosa, que lhes proporcione bem-estar, uma verdadeira realização no fazer pedagógico. Nota-se que alguns professores(as) limitam suas práticas a conteúdos, mas não se pode afirmar que esses conteúdos estejam desprovidos de valores éticos, eles apenas não estão sendo devidamente evidenciados como tais. Outros professores(as), pela experiência, ciclo profissional e maior carga horária na disciplina, conseguem atingir um maior grau de desprendimento e uma excelente contextualização, traçando pontes humanísticas em suas práticas. Depreende-se que a prática em valores éticos é um processo em construção, individualizado, dependente do tipo de formação do professor, do ciclo profissional que possui e dos fatores externos à sua prática.

O fazer pedagógico deve ser um processo em constante avaliação. As suas relações são grandiosas e os choques de valores, inevitáveis, são interessantes para o crescimento dos professores(as) e alunos(as). Foi neste sentido que o trabalho de pesquisa instigou uma revisão do plano político pedagógico da Escola Estadual São Vicente e, junto aos professores(as) e alunos(as), sugeriu um repensar do trabalho docente no caminho da formação humana.

Como afirma Maturana (2002, p. 80), “para ser humano não basta nascer com a constituição anatômico-fisiológica do *Homo sapiens*, é necessário crescer na maneira de viver humana, numa comunidade humana.” Deve-se, então, admitir transformações em nossas ações pessoais e profissionais enquanto professores(as), tornando-as respostas ao desafio de disseminar valores éticos.

Esta pesquisa, pelo fato de abordar valores éticos e aspectos da prática docente a ela relacionados, tem possibilidades de contribuir para o enriquecimento das relações interpessoais, acentuando uma convivência entre o professor(a) e o aluno(a), no sentido de valorizar, sempre e cada vez mais, o processo formativo.

O desenvolvimento do trabalho permitiu uma reflexão sobre o fazer pedagógico em valores éticos. Foi um processo que conduziu a um crescimento pessoal e profissional, através do registro e troca de experiências, diferenças e reconhecimento de limitações, além da exploração dos valores éticos em sua essência, como o respeito, a cooperação, o crescimento e a solidariedade. Oportunizou, aos envolvidos, a transposição de alguns obstáculos resultantes do processo de formação docente e desafiou a capacidade de reconstruir o fazer pedagógico, baseado em vivências cotidianas e em diferentes olhares da literatura.

BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO, Joaquim Severino. **Educação e transdisciplinaridade: crise e reencantamento da aprendizagem.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ASSMANN, Hugo; SUNG Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança.** Petrópolis: Vozes, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: 70, 1977.

BIANCHETTI, Roberto Gerardo. **Modelo neoliberal e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1996.

BICUDO, Maria Aparecida. **Fundamentos éticos da educação.** São Paulo: Cortez, 1982.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. **Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Brasília: MEC/SEF, 1999.

_____. Ministério da Educação. **Educação profissional: referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico.** Brasília: MEC, 2000.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

CASTRO, Cláudio de Moura. Professores e pianistas. **Revista Nova Escola**, n. 159, p. 16. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2003.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania.** São Paulo: Moderna, 2001.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia e valores?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 1998.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ENRICONE, Delcia et al. **Valores no processo educativo**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto, EDIPUCRS, 1992.

ESTEVE, J. **O mal-estar docente**. Bauru: EDUSC, 1999.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SÃO VICENTE. **Plano Político Pedagógico**, [s.d.].

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. São Paulo: Cortez, 2002.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria profissional**. Pesquisas contemporâneas sobre saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. **Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GENTILI, Pablo et al. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Secretaria de Educação, 2000.

GIANANTI, Roberto et al. **Temas da geografia mundial**. São Paulo: Atual, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. et al. **Editorial educação: de direito de cidadania à mercadoria**. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 jan. 2003.

GÓMEZ, A.I. Pérez. **A função e a formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferenças perspectivas**. In: SACRISTAN, J. Gimeno. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

JESUS, S. **Bem-estar dos professores**. Algarve: Direção Regional Educação do Algarve/Sindicato de Professores da Zona Centro, 1999.

LÜDKE, Menga et al. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

MATURANA, Humberto. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELLO, Guiomar Namó. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. A escola mata a curiosidade. **Revista Nova Escola**, n. 168, p. 20-22. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2003.

_____. KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

NOVA ESCOLA. **Para aprender (e desenvolver) competências**, ano XV, n. 136, p. 12-13. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2000.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: **Teoria & Educação**, n. 4, 1991, Porto Alegre.

_____. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. Relações escolares. **Revista Nova Escola**, n. 162, p. 14. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2003.

_____.et al. **Profissão professor**. Porto, 1995.

_____. et al. **Vidas de professores**. Porto, 2000.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: Unijuí, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PEREIRA, Maria Arleth. **O sentido da autonomia no processo de globalização e os desafios para educação.** Disponível em: <<http://www.arleth.hpg.ig.com.br/artigos05.html>>. Acesso em: 13 jul. 2002.

_____. SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Educação para uma escola cidadã.** Disponível em <<http://www.Angeltire.com/sk/holgonsi/educar.html>>. Acesso em: 15 out. 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Pedagogia diferenciada.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. Philippe et al. **Formando professores profissionais.** São Paulo: Artmed, 1998.

_____. **A profissionalização dos formadores de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2000.

RAMALHO, Betania Leite. **Um quadro paradigmático para mudança: o desafio possível.** 2001 (mimeo).

RICHARDSON, R. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, T.A. **Ética e competência.** São Paulo: Cortez, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** v.1. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, L.H. et al. **Novos mapas culturais. Novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. Ética, Educação e Cidadania. In: CONFERÊNCIA NO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E EDUCAÇÃO SEXUAL. Florianópolis. **Anais Revista Brasileira de Filosofia**, ano 08, n. 15, p. 19. 2001.

SCHÖN, Donald A. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SERRANO, Glória Pérez. **Educação em valores: como educar para a democracia**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Sônia A. Ignácio. **Valores em educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Luiz Heron da. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Virgínia. **Sou cidadão no e do mundo**. São Paulo: Contexto, 2002.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ANEXOS

**ANEXO A - Roteiro para técnica de produção de informações:
Questionário para os professores(as) do Ensino Médio e Profissional
da Escola Estadual São Vicente**

Este questionário é parte instrumental da produção de informações, relativas à pesquisa da Dissertação do Mestrado em Educação, desenvolvida pela mestrande Deise Helena Rosa da Costa, sob a orientação da Dr^a. Maria Arleth Pereira, do CE - Centro de Educação da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria - RS. A referida pesquisa objetiva analisar a prática docente e a disseminação de valores éticos, na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente.

A análise qualitativa textual das singularidades de cada relato permitirá verificar as dificuldades e limitações para se desenvolver uma prática permeada de valores éticos no convívio escolar, numa perspectiva de educação cidadã, de forma a levar os alunos(as) a participarem mais, a posicionarem-se e exercerem a prática da reivindicação. Sabemos que a educação não assegura os direitos e deveres dos cidadãos. Impede, entretanto, a falta de oportunidade para cumpri-los e desfrutá-los.

Agradecemos a sua colaboração/cooperação para a realização deste estudo, lembrando que será guardado sigilo absoluto quanto à identificação dos questionários.

Obrigada!

Dados de Identificação:
1 - Nome completo (opcional):
2 - Formação acadêmica: () Graduação () Pós-Graduação
2.1 - Nome do Curso:
3 - Instituição de formação:
4 – Faixa etária: () 20 a 29 anos () 30 a 39 anos () 40 a 49 anos () acima de 49 anos
5 – Tempo de atuação no magistério (sala de aula):
6 – Disciplina(s) ministrada(s):

Obs.: Justifico a questão 5, para posicioná-los quanto ao ciclo de vida profissional dos professores, conforme Huberman (em anexo). Caso queiram se manifestar, será muito importante.

QUESTÕES DE PESQUISA

1- Entre os valores éticos (respeito, tolerância, lealdade, transparência, diálogo, honestidade, sinceridade, convivência solidária e cooperação), quais você destacaria na convivência escolar.

2- Que outros valores você observa?

3- Qual é a importância desses valores na prática docente?

4- Quais são os papéis do aluno(a), do professor(a), e da escola como um todo na construção do conhecimento fundado em valores para convivência e numa perspectiva de educação cidadã?

5- Como a prática docente contribuirá para a construção da dimensão social do conhecimento?

6- Relacione situações em que valores ficaram ou ficam muito evidentes, nas atividades cotidianas dos professores.

7- Quais os valores que você destacaria nestas situações.

8- Em que circunstâncias os valores éticos ou os contra-valores estão mais evidentes na convivência escolar?

9- Como a escola, enquanto espaço de disseminação de valores, é auxiliar para o professor no fortalecimento de sua prática?

10- A disseminação de valores éticos, na prática docente, leva a uma educação cidadã?

11- Quais são as possibilidades e limitações existentes, no meio escolar, para a prática em valores éticos?

12- Que trabalho é desenvolvido, na escola, que leva à liberdade e autonomia?

13- A prática docente pode ser mediadora para oportunizar a expressão das diferenças humanas?

**ANEXO B - Roteiro para técnica de produção de informações:
Questionário para os alunos(as) do Ensino Médio e Profissional da
Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente**

Este questionário é parte instrumental da produção de informações, relativas à pesquisa da Dissertação do Mestrado em Educação, desenvolvida pela mestrande Deise Helena Rosa da Costa, sob a orientação da Dr^a. Maria Arleth Pereira, do CE - Centro de Educação da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria - RS. A referida pesquisa objetiva analisar a prática docente e a disseminação de valores éticos, na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente.

A análise qualitativa textual das singularidades de cada relato permitirá verificar as dificuldades e limitações para se desenvolver uma prática permeada de valores éticos no convívio escolar, numa perspectiva de educação cidadã, de forma a levar os alunos(as) a participarem mais, a posicionarem-se e exercerem a prática da reivindicação. Sabemos que a educação não assegura os direitos e deveres dos cidadãos. Impede, entretanto, a falta de oportunidade para cumpri-los e desfrutá-los.

Agradecemos a sua colaboração/cooperação para a realização deste estudo, lembrando que será guardado sigilo absoluto quanto à identificação dos questionários.

Obrigada!

Dados de Identificação:	
1 - Nome completo (opcional):	
2 – Curso/Habilitação:	
3 – Turno de estudos:	
4 – Faixa etária:	<input type="checkbox"/> 13 a 16 anos <input type="checkbox"/> 17 a 21 anos <input type="checkbox"/> 22 a 26 anos <input type="checkbox"/> acima de 26 anos

QUESTÕES DE PESQUISA

1 - Na sua convivência escolar, especialmente no trabalho desenvolvido pelos seus professores em sala de aula, quais os principais valores éticos (respeito, tolerância, lealdade, diálogo, honestidade, sinceridade, convivência solidária e cooperação) que vocês identificam?

2 – Que outros valores éticos vocês percebem na prática do professor e/ou na convivência escolar?

3 - Procurem justificar resposta anterior, através de exemplos de situações vivenciadas na escola:

4 - Não são apenas os valores éticos que podemos identificar na convivência escolar. Existem contra-valores, que também estão presentes no dia-a-dia de alunos(as) e professores(as), como por exemplo: agressividade, desrespeito, discriminação racial, religiosa, financeira... Vocês já vivenciaram alguma situação em que estes ou outros contra-valores estiveram em evidência? Qual(is)?

5 - No ambiente escolar, vocês poderiam identificar situações ou razões pelas quais os professores podem ter dificuldades em exercer suas atividades com base nos valores éticos?

6 - Por outro lado, vocês poderiam identificar situações ou razões que facilitam o trabalho dos professores em relação aos valores éticos?

7 - De que forma o trabalho baseado em valores éticos contribui para o processo de aprendizagem dos conteúdos e formação cidadã?

8 - Em relação aos contra-valores, como eles podem exercer influência no processo educacional?

9 – De que maneira(s) a escola oportuniza, aos alunos(as), a liberdade de expressão e a prática da reivindicação?

10 – Como o trabalho do professor pode ser mediador em relação à expressão das diferenças humanas?

ANEXO C - Roteiro para entrevista semi-estruturada

Esta entrevista tem a finalidade de analisar a prática docente em valores, do ponto de vista dos professores da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente, numa perspectiva direta e dinâmica, visando a confirmação e aprofundamento das evidências anteriores.

QUESTÕES DA ENTREVISTA:

1 – Mediante a identificação dos valores éticos que permeiam a prática docente na sua escola, até que ponto os mesmos podem interferir no seu trabalho em sala de aula em relação ao processo de construção do conhecimento e convivência solidária?

2 - Quais os principais agentes dificultadores que você encontra no trabalho voltado para a prática docente em valores éticos?

3 – Diante de situações em que se a sobreposição de contra-valores em relação aos valores éticos, sua atitude, como professor mediador, permite oportunizar, de forma aprazível, a expressão das diferenças humanas?

4 – As relações interpessoais podem interferir no desempenho docente, considerando que, acima de tudo, o professor é um ser social e, conseqüentemente, está sujeito a variações de atitudes. Você, alguma vez, vivenciou situação semelhante?

5 – Independentemente da natureza da disciplina, os conteúdos podem sempre ser trabalhados no sentido de proporcionar uma formação cidadã dos seus alunos(as), preparando-os efetivamente para a vida?

6 – Os valores familiares e outros pertencentes à bagagem cultural do aluno(a), nem sempre são compatíveis com os trabalhados durante a vivência escolar. Mediante o conflito de valores, qual a atitude ideal a ser adotada pelo professor?

**ANEXO D – Gráficos sobre valores na ótica dos professores(as) e
alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente**

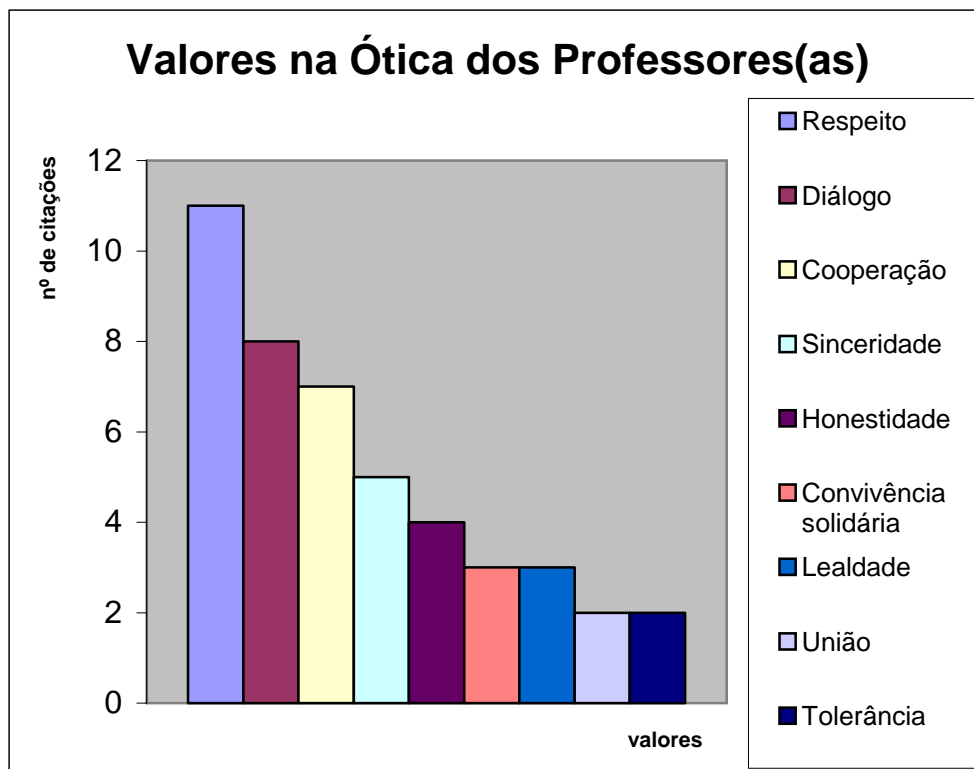


FIGURA 1 - Valores na ótica dos professores(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente

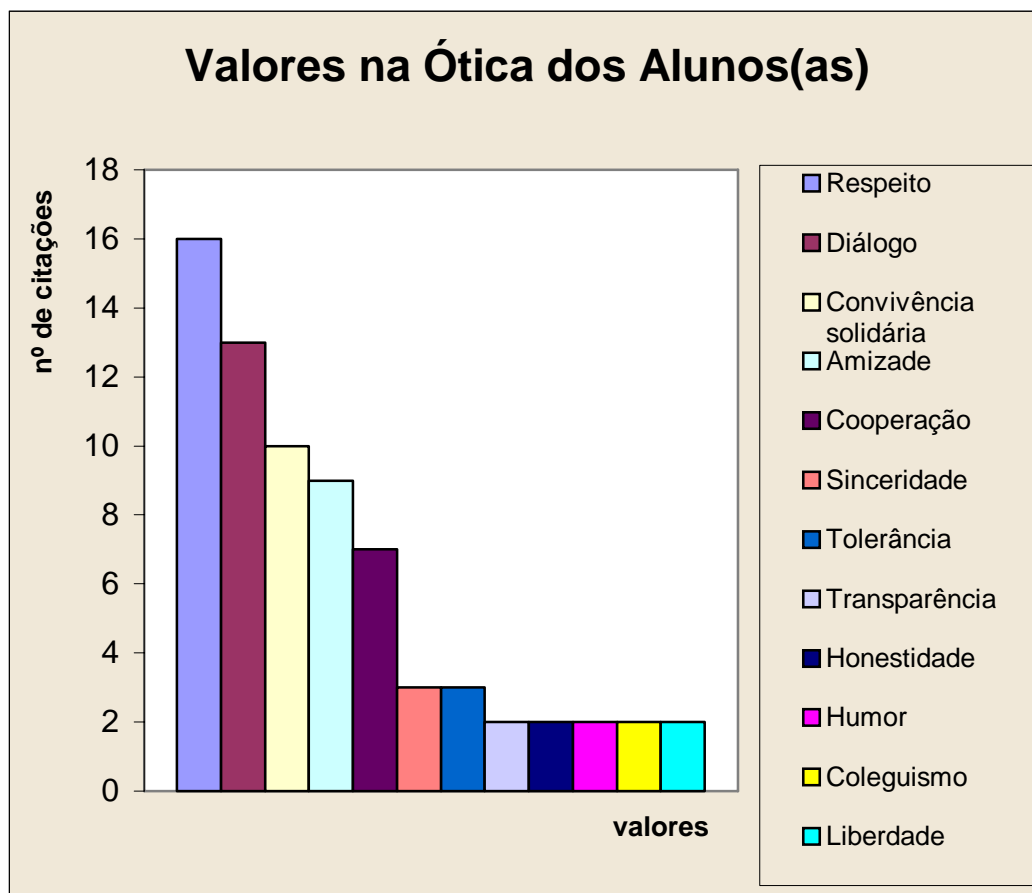


FIGURA 2 - Valores na ótica dos alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente

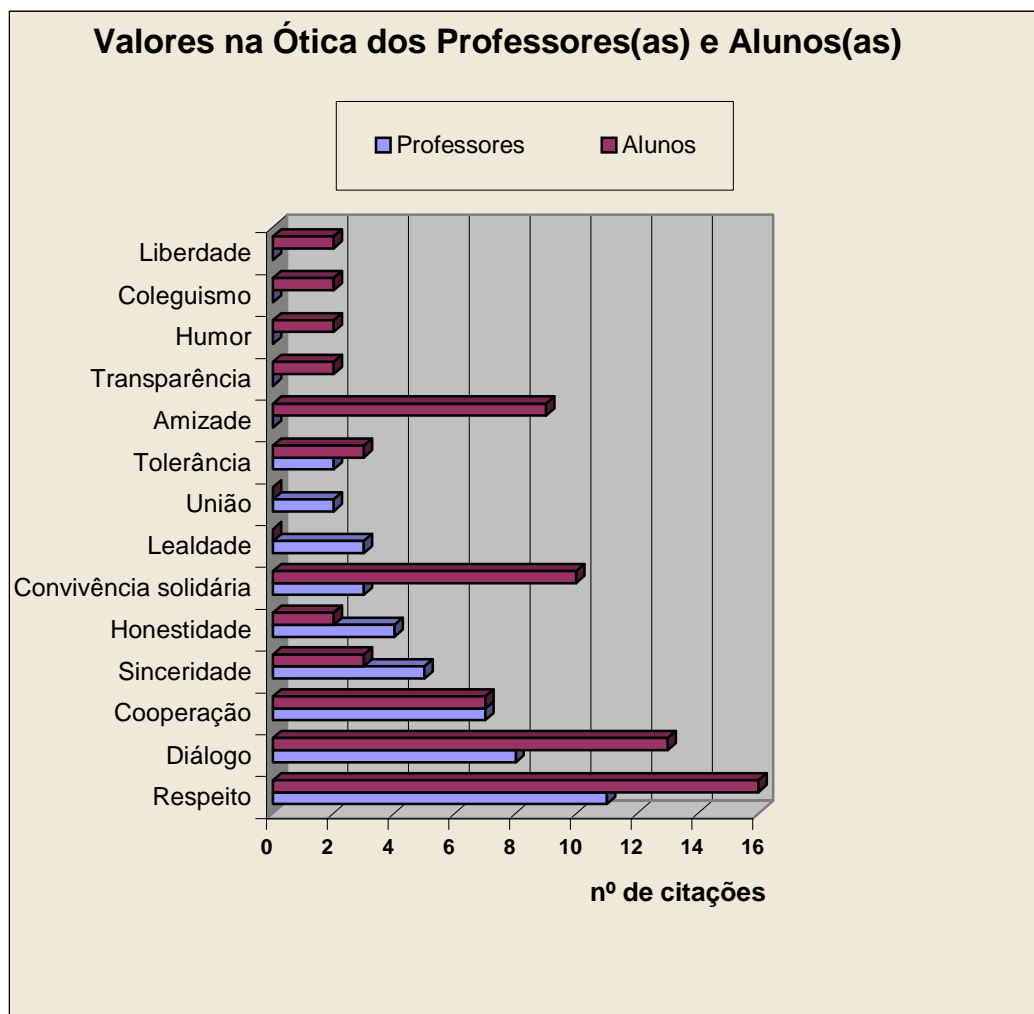


FIGURA 3 - Valores na ótica dos professores(as) e alunos(as) da Escola Estadual de Ensino Médio São Vicente